

pp 1,3 11/11/501

OS COMUNISTAS E O NÔVO GOVÊRNO

Luiz Carlos Prestes

CONFERENCIA DE JULIAO: LIGAS CAMPONESAS

Na próxima sexta-feira, dia 15, as 18 horas, no auditório da A.B.I. terá lugar a anunciada conferência do deputado Francisco Juliao sobre o tema "As Ligas Camponesas".

NOVOS RUMOS

ANO III Rio de Janeiro, semana de 15 a 21 de setembro de 1961 Nº 136

OS ACONTECIMENTOS das últimas semanas em nosso país, a partir da renúncia do sr. Jânio Quadros, continuam mais uma vez que vivemos em uma nova época.

tema decisivo da reforma agrária. Todos esses fatos colocavam evidentemente na ordem-do-dia para as forças mais reacionárias a necessidade de barrar o processo democrático em desenvolvimento e de implantar no país uma tirania militar capaz de fazer do Brasil um instrumento dócil da política colonialista e de guerra dos círculos belicistas dos Estados Unidos.

FOI O QUE efetivamente tentaram os golpistas que dispunham de fortes posições nas forças armadas, consolidadas nos últimos tempos com a vitória eleitoral de Jânio Quadros e a constituição de seu governo.

Campanha de Assinaturas: Registro do PCB

A CAMPANHA pelo registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro, que será em breve requerido à Justiça, deverá ganhar, a partir desta semana, um ritmo mais intenso.

COM A POSSE do sr. João Goulart, na presidência da República, e do Conselho de Ministros, sob a chefia do sr. Tancredo Neves, inicia-se em nosso país um novo governo sob a forma parlamentarista.

NAO POR acaso a renúncia do sr. Jânio Quadros deu-se justamente no momento em que se agrava a situação mundial, quando os círculos belicistas dos Estados Unidos e a camarilha militar do Pentágono vêm exercendo um papel crescente na política norte-americana.



(Continua na 3ª página)

Kubitschek: "Jango, Renuncie" Brizola: "Jango, o Povo te Espera"



HORAS DRAMÁTICAS DE JANGO EM PARIS

O vespertino parisiense "France Soir", através de um seu repórter, presenciou os momentos dramáticos vividos pelo presidente João Goulart em Paris.

NOVOS RUMOS, com exclusividade, divulga na 3ª página desta edição o impressionante relato de "France Soir" sobre esse aspecto dramático e revelador da crise que o Brasil viveu.

Revisão Imediata do Salário Mínimo

OS DIRIGENTES sindicais de todo o país deverão reunir-se nos próximos dias, no Estado da Guanabara, para coordenar a campanha que se iniciou em todo o território nacional, visando a imediata revisão dos atuais níveis de salário mínimo.

balho, sr. Franco Montoro, em declarações à imprensa da Guanabara, viu-se obrigado a se declarar abertamente a favor da revisão imediata dos atuais níveis de salário mínimo, dizendo, o seguinte: "Vamos, assim, elevar os níveis de salário mínimo de todo o país, na mesma proporção da alta registrada no custo da vida".

Povo Esmagou o Golpe Contra a Liberdade!

- GRANDE DO SUL: Epopéia Popular Nas Barricadas da Resistência
PERNAMBUCO: PÔRTO PAROU E POVO FOI ÀS RUAS
SÃO PAULO: Estudantes na Primeira Fila da Resistência
MARANHÃO: OPERÁRIOS E ESTUDANTES COMANDARAM A LUTA

Povo Exige Impedimento Para Golpista Lacerda

A ASSEMBLEIA Legislativa vêm chegando diariamente mensagens, manifiestos e abaixo-assinados oriundos de associações de classes e organizações populares exortando os parlamentares a proseguirem no processo de "impeachment" que aquela casa move ao governador Carlos Lacerda.

CHOCANTE ATITUDE DE JORGE AMADO

Jornais da Bahia publicaram um telegrama enviado pelo acadêmico Jorge Amado ao governador Juracy Magalhães, fazendo-lhe um apelo para que não recuse, se feita, a indicação do seu nome para o lugar de primeiro-ministro.

Professôres Congratulam-se Com NOVOS RUMOS

ASSINADA pelo sr. José de Almeida Barreto, presidente da Federação Interstadual dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino, recebemos a seguinte mensagem de congratulações com NR:

Lott: Ardovino é um Patife

VA N G LORIANDO-SE de ter sido o autor da idéia de lançar bombas de gás lacrimogêneo contra manifestantes na Cinelândia, o coronel Ardovino Barbosa voltou a exibir-se no seu bom estilo nazista. Suas palavras se assemelham muitíssimo às dos chefes hitleristas no apogeu do poder e da glória.

Trabalhadores Reiniciam as Campanhas Salariais

A LUTA CONTINUA

Roberto Moreno

Depois da luta decisiva que travaram para derrotar o grupo reacionário que pretendia implantar uma ditadura de tipo fascista, no País, centenas de milhares de trabalhadores retornam, em todo o território nacional, à campanha pela elevação dos seus salários, que havia sido interrompida.

BANQUEIROS

Os 36 mil bancários cariocas, que foram impedidos de reunir-se na sede do seu Sindicato para debater e aprovar a tabela de aumento salarial a ser apresentada aos banqueiros, retomaram a luta no dia 31 do mês passado, reunindo-se em assembleia

geral na noite do dia 14 do corrente, no Automóvel Clube do Brasil. O novo salário dos bancários deverá vigorar desde o dia 1.º do corrente.

Os líderes bancários vinham promovendo intensa campanha de mobilização da classe, objetivando a assinatura de um acordo capaz de lhes assegurar um

reforço substancial nos seus salários. A Diretoria e o Departamento de Estatística do Sindicato já haviam realizado estudos sobre os níveis de remuneração dos bancários, sobre a elevação do custo da vida nestes últimos 11 meses e sobre os lucros auferidos pelos bancos. Depois desses estudos, concluíram os líderes por apresentar à aprovação da classe um pedido de aumento na seguinte base: 1) aumento de 50% sobre todos os salários, até a importância de Cr\$ 10.000,00; 2) aumento de 25% sobre a quantia que exceder a importância base de 10 mil cruzeiros; 3) aumento de 200 cruzeiros por ano de serviço.

SAPATEIROS

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Calçado da Guanabara, cujo presidente, sr. João Guilherme, está encarcerado, durante o período em que os golpistas tentaram reverter o fascismo, também voltou à atividade normal, convocando os 20 mil sapateiros cariocas para o início da campanha pelo reajustamento salarial.

A assembleia geral da corporação será realizada às 19 horas do dia 14 do corrente, para decidir o quanto de aumento será pleiteado dos empregadores. Embora salientando que caberia exclusivamente à assembleia decidir sobre a proposta a ser encaminhada aos patrões, o sr. João Guilherme, presidente do Sindicato, assinala que um aumento inferior a 50% não restabelecerá, sequer, o antigo poder de compra dos sapateiros.

MOTORISTAS

Os empregados nas empresas de ônibus e lotações da Guanabara foram dos mais sacrificados com a onda de violências que durou até mais de 10 dias abalou a Guanabara. O acordo salarial firmado com os empregadores, extinto desde o dia 28 de agosto passado, ainda não foi renovado. As negociações que vinham se

fazendo foram suspensas, porque os trabalhadores estavam impedidos de frequentar a sede do seu Sindicato. Esses trabalhadores já haviam decidido, em assembleia geral, pleitear dos empresários de ônibus e lotações a seguinte tabela de salário: motorista — salário diário de Cr\$ 1.000,00; trocadores, despachantes, cobradores, inspetores, lubrificadores e lavadores — aumento salarial de 50%. O Sindicato reiniciou a campanha pela renovação do acordo.

ENQUADRAMENTO

Por outro lado, os marítimos, portuários e ferroviários, após lutarem decididamente em defesa da legalidade e pela posse do presidente João Goulart, promovendo greves de grande monta em todo o País, voltam à campanha pelo cumprimento do Plano de Classificação de Cargos e da Lei da Paridade. Uma comissão de representantes das três combativas categorias se prepara para ir a Brasília, apresentar ao presidente João Goulart as reivindicações dos trabalhadores que representam.

TENÓRIO: «NA FEDERAÇÃO INTERVENTOR NÃO ENTRA»

Agindo à sombra do regime de exceção que se instaurou no País, logo após a renúncia do ex-presidente Jânio Quadros, os pelegos Doclecliano de Holanda Cavalcanti e Ary Campista conseguiram que o ministro provisório do Trabalho, sr. Segadas Viana, anulasse a eleição do líder sindical Luis Tenório de Lima, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação do Estado de São Paulo.

REAÇÃO

Logo que tivemos conhecimento da violação às liberdades sindicais perpetrada pelo sr. Segadas Viana, os

EM SÃO PAULO

Logo que foi restabelecido o clima da legalidade em nosso País, os metalúrgicos de São Paulo, que tiveram a sua sede invadida e ocupada pela polícia a serviço do golpe, voltaram à sede da sua entidade, onde realizaram uma assembleia-monstro, dando início à campanha pelo reajustamento salarial. A assembleia, que contou com a presença do vice-governador do Estado, autorizou os líderes da corporação a entrar em entendimentos com os empregadores, tendo em vista a assinatura de um acordo que determine a elevação dos salários na base da elevação do custo da vida assinalado pelo Departamento Inter-sindical de Estatística, e um abono de Natal na base de 240 horas.

Outras categorias profissionais de São Paulo, Guanabara, Minas Gerais, Estado do Rio, etc., reiniciam a campanha pelo reajustamento salarial, que fora interrompida durante o estado de sítio não declarado, que aboliu as liberdades sindicais e democráticas em inúmeras regiões do País.

Ferrovários da Leopoldina Dizem o Que Querem de JG

Os 18 mil ferroviários da Leopoldina, que durante 12 dias sustentaram uma greve heróica em defesa da legalidade democrática, exigindo o respeito à Constituição Federal e o comprometimento do presidente João Goulart, enviaram, através do seu Sindicato, um ofício ao novo presidente da República, situando a posição da corporação face ao novo governo.

POÍTICA EXTERNA

Esclarecendo as razões pelas quais defendem os três pontos acima mencionados, o documento salienta: "A política externa desenvolvida pelo ex-presidente Jânio Quadros veio ao encontro da opinião pública brasileira, que de há muito reclamava a realização de uma política externa soberana e independente, capaz de situar bem o Brasil no conceito internacional. Por essa razão, na opinião dos ferroviários da Leopoldina, se impõe a continuação da política de relações com todos os países, de defesa do princípio da autodeterminação dos povos, e da coexistência pacífica entre as nações."

O DOCUMENTO

O ofício, assinado pelo presidente do Sindicato, o combativo líder Demistóclides Batista, é o seguinte:

"Os ferroviários da EF. Leopoldina, que se mantiveram durante 12 dias na vigília democrática, em defesa da legalidade e das franquias constitucionais, através do seu Sindicato de classe vêm dizer a V. Excia. o que concretamente esperam de vosso Governo, e que fundamentalmente se consubstancia nos seguintes pontos: 1) Continuação da política externa do ex-presidente Jânio Quadros; 2) Manutenção da atual política ferroviária da R.F.F.S.A.; 3) Revisão da política econômico-financeira do ex-presidente Jânio Quadros."

POÍTICA FERROVIÁRIA

"Os ferroviários da Leopoldina — prossegue o documento enviado ao presidente João Goulart — se opuseram, no passado, à criação da Rede Ferroviária Federal S.A. e tudo fizeram para evitar a sua concretização, por entender que a R.F.F.S.A. seria contrária ao desenvolvimento nacional. No entanto, presentemente, os ferroviários esperam que seja mantida a atual política ferroviária que vem sendo orientada pela Rede Ferroviária, voltada para os interesses de nosso País. Tal administração tem possibilitado a plena recuperação das ferrovias nacionais, tornando algumas de deficitárias a auto-suficientes. O pagamento do pessoal vem sendo feito rigorosamente em dia. As dívidas antigas que a empresa tinha com o IAPFESP vêm sendo saldadas com regularidade. Dívidas com fornecedores também estão sendo pagas, além de estar a atual admi-

nistração voltada para o incentivo à indústria ferroviária nacional.

"Os ferroviários da Leopoldina, que em outras administrações da R.F.F.S.A. já foram levados a paralisar mensalmente os serviços, como única solução para receber os seus vencimentos em atraso — 14 greves no ano de 1960 — não desejam mais recorrer a tal sistema, e por essa razão, e ainda como solução contrária ao empregamento que já campeou igualmente na R.F.F.S.A., é que solicitam de V. Excia a continuação da atual política administrativa ferroviária."

POÍTICA ECONÔMICA

"Entendem os ferroviários da Leopoldina — conclui o documento — que urge uma revisão na política econômica e financeira do Governo, com relação às Instruções originárias da SUMOC e com os compromissos assumidos junto ao Fundo Monetário Internacional. Na opinião dos ferroviários, paralelamente à revisão e mudança da atual política econômico-financeira, torna-se necessária a imediata realização da reforma agrária em nosso País, a limitação da remessa de lucros para o exterior, e a aprovação da lei antitruste, fundamentalmente."

SINDICATOS RECOMENDAM: VIGILÂNCIA E LUTA PELAS REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES

"Relações com todas as nações, autodeterminação dos povos, reforma agrária, prosseguimento da luta pelas resoluções dos Congressos e Conferências Sindicais e respeito total às liberdades democráticas e sindicais", tais são, em síntese, os principais itens do manifesto de 46 entidades sindicais da Guanabara, no qual se analisam as consequências da crise político-militar que abalou o País nos últimos dias de agosto e nos primeiros dias do atual mês. Em seu pronunciamento, os trabalhadores guanabarenses afirmam:

"A crise político-militar que acudiu com a renúncia do ex-presidente da República, somente não levou o País a uma ditadura face à ação corajosa e patriótica da classe operária, da maioria democrática das Forças Armadas, da brava juventude estudantil e da imprensa em geral, notadamente da Guanabara, que não se curvou aos métodos fascistas de polícia do sr. Carlos Lacerda.

"O Congresso Nacional interpretando a vontade do povo brasileiro, ao rejeitar o impedimento formulado pelos ministros militares à investidura do sr. João Goulart na presidência da República, deu uma demonstração efetiva de respeito ao mandato que lhe foi outorgado pelo eleitorado.

"Constituiu, esta fase, uma expressiva vitória da grande maioria do povo brasileiro, que derrotou uma minoria reacionária interessada na aplicação de uma política antinacional e de escravização.

"Os trabalhadores estão conscientes de que contribuíram decisivamente, com suas greves e outras formas de luta, para o vitorioso encaminhamento da crise que abalou a Nação, dentro do clima de respeito ao Congresso Nacional e das liberdades democráticas e sindicais."

VIGILÂNCIA E LUTA

Após se referir à necessidade de um pronunciamento do povo brasileiro sobre o novo regime adotado pelo Congresso, o documento assinala a necessidade da vigilância dos trabalhadores contra novas manobras golpistas e da intensificação da luta contra qualquer retrocesso político e social. Nesse sentido assinala o manifesto: "Considerando a atual modificação na estrutura poli-

tica e que a crise ainda não está definitivamente superada, os trabalhadores, depois de examinarem detidamente esses acontecimentos, resolveram permanecer vigilantes, analisando em suas reuniões, os efeitos da atual crise brasileira, no sentido de não permitir nenhum retrocesso político ou social e continuar pugnan-do por:

- 1) relações com todas as nações;
- 2) autodeterminação dos povos;
- 3) reforma agrária;
- 4) sindicalização para os trabalhadores do campo;
- 5) desenvolvimento econômico que determine o barateamento do custo de vida;
- 6) respeito e acatamento aos direitos e conquistas dos trabalhadores;
- 7) continuar lutando pelas resoluções de nossos Congressos e Conferências Sindicais;
- 8) liberdade para todos os presos — civis e militares — que lutaram pelo respeito à Constituição;
- 9) respeito total às liberdades democráticas e sindicais."

GRATIDÃO

"Finalizando, os trabalhadores, ao mesmo tempo que manifestam sua rejeição e repúdio pelas arbitrariedades cometidas pelo governo do sr. Carlos Lacerda, são gratos ao Congresso Nacional, aos srs. governadores dos Estados, aos Legislativos Estaduais e Municipais, às Forças Armadas que se colocaram ao lado da legalidade democrática, à classe estudantil, à imprensa falada e escrita e a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram, com sua inequívoca maturidade política para que não fosse implantada no País uma ditadura.

"Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1961. — Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito — Federações Nacionais de Trabalhadores Ferroviários, de Estivadores, de Portuários, de Gráficos e de Armadores — União dos Portuários do Brasil — Federação Interestadual dos Professores — Federação dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito dos Estados da Guanabara, Rio de Janeiro e Espírito Santo — Federação dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro — Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro — Sindicatos Nacionais

de Trabalhadores Aeroaviários, Aeronautas, Marinheiros, Telfeiros, Foguistas, Oficiais de Náutica e Motoristas da Marinha Mercante — Sindicatos de Trabalhadores da Guanabara: Metalúrgicos, Têxteis, Alfaiates, Eletricitistas, Sapateiros, Outeiros, Bancários, Energia Elétrica e Produção do Óleo, Bebidas, Marmoristas, Rodoviários, Autônomos, Rodoviários, Anexos, Trigo, Estivadores, Conferentes, Lavagem, Estiva de Minério, Marceneiros, Refinação e Destilação de Petróleo, Professores, Músicos, Hoteleiros, Vendedores e Viajantes, Gráficos, Empregados de Edifícios, Pedreiros, Operários Navais e Ferroviários da Leopoldina."

Aeronautas: Novos Líderes Apresentam Programa Novo

A nova diretoria do Sindicato Nacional dos Aeronautas, encabeçada pelo comandante Paulo Santana Machado foi empossada na tarde do dia 9 do corrente, em solenidade que contou com a presença dos mais destacados dirigentes sindicais da Guanabara e do País, dentre os quais os líderes Oswaldo Pacheco, presidente da Federação Nacional dos Estivadores; José Paulo da Silva, presidente da União dos Portuários do Brasil; Roberto Moreno, do Sindicato dos Marceneiros; Othon Carneiro Lopes, do Sindicato Nacional dos Aeroaviários, e outros.

CENTRAL SINDICAL

O novo presidente da entidade, depois de salientar a dedicação dos seus antecessores à causa dos aeronautas e dos trabalhadores de todo o País, declarou, textualmente, o seguinte: — "Continuaremos o caminho aberto por nossos antecessores e, com o apoio indispensável do movimento sindical brasileiro, marcharemos para novas e maiores conquistas. Mas, para convertê-las em realidade, torna-se necessário que continuemos a obter o apoio integral dos companheiros aeronautas em solidariedade e a decisiva solidariedade dos trabalhadores em geral. Na afirmação baseamos-nos no fato de que está incluída uma nova fase histórica da trajetória do movimento sindical brasileiro. Os trabalhadores, através de suas entidades, sindicais, passaram a ser parte integrante e indissociável de organismos

ANULAÇÃO

Procurado pelos líderes sindicais, o novo ministro do Trabalho, sr. Franco Montoro, declarou que a intervenção no Sindicato Nacional dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de São Paulo será suscitada. Os dirigentes sindicais contínuam vigilantes, decididos a uma ação mais energética, em defesa dos direitos sindicais.

A Aliança Operário-Camponesa

Uma coletânea das obras de Lênin dedicadas à questão agrária

A ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPONESA

Brochura c/ 649 páginas — Cr\$ 600,00

Mo Brasil, em nossos dias, a questão agrária é tema de debate diário na imprensa, nas ruas e nos lares. Já não se encontra, a bem dizer, quem não seja a favor de uma reforma agrária em nosso País. Mas, se há acordo quanto à necessidade de uma reforma, quando se trata de saber qual o tipo de reforma agrária que é preciso pôr em prática, e qual o caminho a seguir para realizá-la, as divergências e interrogações aparecem. Para resolvê-las, não há sem dúvida depoimento mais essencial que o de Lênin."

A ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPONESA

Este depoimento que o leitor encontra em

Ajuda a NOVOS RUMOS
Recebemos e agradecemos:
"Dois camaradas da Capital" (S. Paulo) — 15.000,00
Amigo de Copacabana 500,00

Defende Teu Direito
B. Calheiros Bonfim

CONCORDATA — A partir da Lei 3.726, de 11-2-60, o crédito reconhecido ao empregado pela Justiça do Trabalho pode, perante ela, ser executado, embora a empresa se ache em concordata. Recentemente, quando do julgamento do agravo número 23.764, o Ministro Hahnemann Guimarães, que anteriormente aquele diploma legal votava em sentido contrário, salientou que a referida Lei 3.726 conferiu aos créditos dos empregados um privilégio quase absoluto, colocando-os à frente dos demais créditos privilegiados, alterando, para esse efeito, o artigo 102 da Lei de Falências. Ac. STF — Pleno (Conf. Juris. 2.591), Relator Ministro Victor Nunes, julgado em 19-5-61, "Ementário Trabalhista", setembro — 1961.

CONSÓCIO — O reclamante pediu equiparação de seus salários aos de um colega empregado de outra empresa, pertencente ao mesmo grupo comercial. O Tribunal Regional, julgando procedente a reclamação, salientou que as três empresas em causa conjugaram os seus serviços passando a explorá-los em comum, sendo ilegável a existência de empregadora única. — Recurso de revista a que se nega provimento. As empresas que se consorciaram para a exploração em comum de seus negócios, valem para os empregados que nelas trabalham como uma só empregadora. Ac. TST, segunda Turma (Proc. 3.740-60), Relator Ministro Délio Maranhão, julgado em 12-1-61.

INSALUBRIDADE — A declaração de insalubridade é atribuição específica da Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho (Decreto 38.712, de 28-1-58). A esta devem os interessados socorrer, e não a médicos particulares. Ac. TST, segunda Turma (Proc. RR 4.864-60), Relator Ministro Têlio Monteiro, julgado em 4-5-61.

PRÊMIO PRODUÇÃO — O salário-prêmio pode ter como fundamento razões diferentes. Pode ser uma razão puramente aleatória, por exemplo, os lucros da empresa; nesse caso, não se incorpora ao salário. Em outros casos, quando se subordina ao esforço do empregado, sem dúvida é salário. Como não existe disposição expressa na Consolidação, a respeito de salário-prêmio, parece de todo razoável considerá-lo incluído entre as comissões, percentagens e gratificações, a que se refere o artigo 467, parágrafo 1º da Consolidação, que não faz distinções. A jurisprudência tem entendido, reiteradamente, que tais comissões ou percentagens só se incorporam ao salário, quando habituais. Ac. STF, 2ª Turma. (Rec. ext. 48202), Relator Ministro Victor Nunes, publicado em audiência de 24-5-61.

TRANSFERÊNCIA — Servente de fábrica de tecidos não pode ser transferido para o cargo de servente de pedreira. Se é certo, que, em tese, pode admitir-se transferência para funções compatíveis com as que vinham sendo realizadas pelo empregado, também parece certo que o caso não é de transferência para funções compatíveis, pois só a designação "servente" irmana o servente de fábrica do servente de pedreira. Trata-se de funções bastante diversas e que não podem considerarse compatíveis entre si. O trabalho no interior de uma fábrica de tecidos é completamente diferente do serviço executado em uma pedreira. Ac. TST — Pleno (Proc. 1.335-59), Relator Ministro Aquino Rôrto, julgado em 26-4-61.

Kubitschek: «Jango, Renuncie!» — Brizola: «Jango, o Povo te Espera!»

Derrota do Anticomunismo

Almir Matos

AS HORAS DRAMÁTICAS DE JANGO EM PARIS

Paul Grégor, (France Soir, 2.IX.1961)

Nota de Redação de France Soir: "Paul Grégor, jornalista e escritor, correspondente na Europa de vários jornais brasileiros, é também genro do senador Barros de Carvalho..."

DATA: terça-feira, 29 de agosto de 1961, fim da manhã.

A CENA: apartamento número 308 de um grande hotel parisiense. As janelas estão abertas sobre as árvores...

Leonel Brizola corta-lhe a palavra:

— Eu não cederéi. Goulart, não generalize. Tanto pior para minha família. Mas é necessário que tu regresses, deixes Paris imediatamente. Vem! O povo brasileiro te espera...

«GOULART, O POVO ESTÁ CHEGANDO»

Jango ergue a cabeça: — Eu não quero que os brasileiros se matem mutuamente, eu quero refletir...

A voz de Brizola faz vibrar os fones:

— Goulart, escuta-me. O povo brasileiro vai levantar-se. Os militares refletirão, eles recuarão se tu voltas. Eles o sabem perfeitamente. Goulart o povo está chegando e começa a encher o palácio do governo. A multidão começa a juntar pedras. Vi padres, vi burgueses que gritam: Abaixo a ditadura! Não abandone o povo brasileiro, Goulart; ele te será fiel!

Interrupção brusca. A comunicação se desfaz. A voz próxima da telefonista parisiense pergunta:

— Termina?

Não, não terminou. No quarto de hotel, Goulart cai sobre uma poltrona. Sente-se que ele luta contra o pânico. Seus olhos negros percorrem sem ver as paredes do quarto. Mas outro ator do drama se levanta. Bate com dois dedos bronzeados as costas de Jango de um homem com aparência de índio de cabelos brancos. Barros de Carvalho, velho político, antigo chefe do Partido Trabalhista, partido pelo qual Jango foi eleito. trava um copo-a-copo, como um boxeur que quer arrancar sua vitória:

— Tens medo da guerra civil, Jango? Tens medo de sangue? Eu não. Conheci prisões e perseguições. Digo-te que nossa causa vale uma guerra civil. Queres que o Brasil se torne uma colônia? Acusam-nos de comunistas, a ti e a mim. porque estivemos na China para vender nosso café e nosso cacau mais caro do que alhures... Responde, a

Goulart inclina a cabeça, busca palavras que não vêm. Seu corpo, baixo e atlético, parece dobrar-se ao peso do fone. Depois, ele fala com voz entrecortada:

— Não, não, Leonel, não quero... espera.

esses adversários delicata que se recusam a viver no seu tempo...

«GOULART, NÃO TENHAS MEDO DE PALAVRAS»

Goulart hesita ainda. Carvalho sente que ele emmorece e lhe mostra suas vantagens:

— Não tenhas medo de palavras, Jango. O povo está contigo. Vais ver: ele se levantará...

Faz-se o silêncio. Não se ouve senão o ruído dos veículos que sobem e descem pela Avenida George V. A senhora começa a dar razão ao velho senador, as notícias de Brasil começam a afiar-se...

Aqui e ali os sindicatos operários se agitam, associações estudantis se manifestam. Alguns homens pedem a greve geral. Os trabalhadores dos transportes param, paralisa-se o deslocamento de tropas comandadas por militares hostis a Goulart.

Passam-se vinte e quatro horas. Quarta-feira, 30 de agosto, de manhã cedo. Não dormimos ainda. O telefone chama novamente: Pórtó Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, chama Paris, França, e Leonel Brizola outra vez.

«GOULART, EU TE REPITO: VEM»

Ele está bastante animado, sua voz é agressiva como nunca:

— Jango, diz éle, os militares não atiraram contra nós. Diante do entusiasmo popular, o III Exército aderiu à nossa causa. Ele representa 60 por cento dos efetivos de infantaria. Tenho notícias do Rio de Janeiro. O marechal Denys recorre ao púsch, mas éle, a cada minuto, se encontra mais isolado. Digo-te pela última vez: vem! Os operários te esperam.

— Obrigado, responde Goulart. E desliga.

Ele não se decidiu ainda. Barros de Carvalho silencia. Jango levanta-se e se dirige à janela para isolar-se, para olhar sem ver as folhas verdes e amareladas da Avenida George V.

A campanha sobressalta a todos. É a mesma telefonista parisiense:

— Do Rio de Janeiro quem falar com o vice-presidente Goulart.

— Sim, responde éle.

— É o Kubitschek quem fala.

Pus-me à escuta novamente junto à extensão do telefone, onde se encontra o velho senador Barros de Carvalho. É mesmo Juscelino Kubitschek, o simpático ex-presidente.

Sua voz é pausada, sonora, quente, inteligente, agradável mesmo. É como se estivesse no quarto vizinho, ouve-se a sua respiração:

— Jango, diz éle, pelo amor de Deus, não volte ao Brasil. Isto seria a mais terrível das guerras civis, pior do que na Espanha. Lembra-se de nossas revoluções passadas. 1932, 1935, lembra-se dos prisioneiros degoingados às centenas, lembra-se do fogo que devorara a beleza do Rio. Goulart, você deve renunciar, você não pode desajar isso...

— Eu escuto e olho Jango. Todo o horror da guerra civil parece refletir-se em seus olhos. Ele procura palavras para responder.

Mas um clarão passa diante de mim. É o braço de Carvalho, do velho boxeur que não abandona a luta até o fim. Ele arranca o telefone da mão de Goulart, põe a mão sobre o fone e diz à meia voz:

— Jango, meu filho, há momentos em que não se pode recuar diante do sangue. Do contrário, nos liquidam nos para sempre.

«ATÉ LOGO»

Tira a mão do fone, diz seu nome ao aparelho e fala com Kubitschek:

— Juscelino, o presidente não quer sangue. Se vocês voltarem à legalidade, isto não acontecerá. Mas o fato

que correrá e as cidades arderão se tentarem reprimir os operários do Brasil.

A seguir, sem mais uma palavra, entrega o fone a Goulart. Nossa respiração está suspensa. Jango fala:

— Obrigado por seu telefonema, Juscelino — diz éle com voz fria. — Diga a seus amigos que não abdicarei. Quero tomar o primeiro avião para o Brasil. Berel Presidente, com ou sem guerra civil. É meu direito, e meu dever. Até logo...

«ATÉ LOGO»

Jango desliga e faz um sinal:

— Reservem-me dois lugares depressa!

Duas horas mais tarde, Orly. Acabam de chamar os passageiros para N. Torque.

Os quatro retores do Boeing já funcionam. Goulart envelheceu dez anos em dois dias; não diz uma palavra. Barros de Carvalho parece rejuvenescido. Seu rosto de índio irradia a idéia de que a luta começa.

Trocamos as últimas despedidas, à brasileira, sem falar mais. Os dois homens desaparecem no avião, a porta se fecha, ouve-se o estroendo dos retores. A sorte está lançada.

«OS COMUNISTAS E O NOVO GOVERNO»

(Conclusão da 1.ª Página)

nal, apesar das vacilações de seus setores mais reacionários, em condições de opor-se vigorosamente às exigências dos ministros das pastas militares, negando-se a aceitar o impedimento do presidente Goulart.

FOI NESTAS condições que forças da burguesia, temerosas de um caminho que poderia levar, através da crescente pressão de massas, as reformas radicais reclamadas pelo progresso da nação, preferiram a conciliação com os setores mais reacionários das classes dominantes e com os generais golpistas, já impotentes e virtualmente derrotados. As costas do povo, entenderam-se o sr. João Goulart e os setores mais reacionários do PSD e da UDN, estes últimos interessados em alcançar maior participação no poder. O mesmo Parlamento, que se reabillara diante da nação ao opor-se às exigências dos ministros militares, conciliava com os golpistas, temeroso do povo que se levantava para apoiá-lo, e aceitava a modificação da Constituição que foi a emenda parlamentarista.

AS FORÇAS patrióticas e democráticas não puderam impedir a conciliação, nem vencer as vacilações da burguesia. Mas o processo democrático não pôde também ser interrompido no país. Elevou-se com o embate das últimas semanas a consciência política das massas, que adquiriram também riquíssima experiência. O anticomunismo foi batido e perdeu posições importantes. A nação pôde verificar mais uma vez de onde vem o perigo que a ameaça. Da luta em defesa da legalidade participaram ativamente os comunistas, convencidos de que através das formas democráticas é possível avançar no sentido da emancipação econômica e social do povo, enquanto de outro lado estava o reacionarismo anticomunista que deseja alcançar seus objetivos rasgando a Constituição e impondo, pela força das armas, o arbítrio e a estúpida retrograda a serviço dos monopólios ianques e de seus agentes em nosso país.

A LUTA em defesa das liberdades democráticas e da legalidade constitucional prossegue e exige uma crescente vigilância, assim como a organização e unidade de todas as forças patrióticas e democráticas. O processo democrático não foi barrado, mas as forças reacionárias, graças à conciliação alcançada, conservam a maior parte de suas posições, não foram desarmadas e preparam-se ativamente para novas investidas. O novo governo, presidido pelo sr. Tancredo Neves e que inclui em suas fileiras desde elementos que participam da Frente Parlamentar Nacionalista até conhecidos agentes do imperialismo ianque, como o sr. Moreira Salles, é um governo que reflete interesses contraditórios, embora seja em sua essência a expressão no poder da conciliação com o imperialismo e com as forças contrárias à completa emancipação nacional.

NESTAS condições, os comunistas prosseguem sua luta pela formação de um governo nacionalista e democrático, único capaz de enfrentar com êxito a solução dos problemas do povo e de imprimir um rumo independente e progressista ao desenvolvimento da nação.

SOMOS favoráveis à realização do plebiscito, reconhecendo a significação democrática de uma consulta que permita ao eleitorado decidir a respeito das modificações introduzidas na Constituição da República pelo Congresso Nacional. Não é essa, porém, a questão decisiva do momento. O principal agora é mobilizar massas para que exijam do novo governo e do Congresso Nacional o desarmamento dos golpistas, sua destituição de todos os postos de mando e a punição de todos aqueles, como o sr. Lacerda e seus apaniguados, que cometeram violências e crimes contra o povo. Cabe-nos também mobilizar massas para que exijam o imediato estabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética e demais países do campo socialista. O combate à carestia de vida ocupa um lugar importante na mobilização de massas, visando a exigir do novo governo uma política financeira livre das imposições do Fundo Monetário Internacional e que assegure a elevação do salário real dos trabalhadores, o imediato congelamento de preços dos artigos de consumo popular e medidas práticas contra a inflação. Cumpre-nos ainda mobilizar massas para exigir a defesa das empresas estatais, a suspensão imediata da remessa de lucros para o Exterior, a liberdade e autonomia sindicais, a reforma agrária e garantias para a livre organização dos trabalhadores do campo.

PARTICIPANDO juntamente com o povo em todas as lutas por suas reivindicações, pelo bem-estar, o progresso e a independência da nação, os comunistas continuam batendo-se pela mais ampla solidariedade com o povo cubano e todo fazem pela salvaguarda da paz mundial. E indissimuladamente igualmente intensificam a luta de assinaladas tendo em vista solicitar dentro do menor prazo possível, ao Superior Tribunal Eleitoral, o registro do Partido Comunista Brasileiro.

«OS COMUNISTAS E O NOVO GOVERNO»

(Conclusão da 1.ª Página)

suas lutas pelo "impeachment" do líder terrorista.

A Frente de Resistência Democrática, constituída pelas entidades estudantis, organizações sindicais, políticas e outras associações patrióticas, vai promover domingo próximo, às 19 ho-

comunismo como elemento da divisão das diferentes forças de classe que podem e devem unir-se na mais vasta frente para a defesa de objetivos democráticos do seu interesse comum. O anticomunismo e a reação, de modo geral, sofreram com essa derrota em sua vasta frente para a defesa de objetivos democráticos do seu interesse comum. O anticomunismo e a reação, de modo geral, sofreram com essa derrota em sua vasta frente para a defesa de objetivos democráticos do seu interesse comum.

Mas há ainda, ligado a esse, um outro aspecto a ressaltar: é que enquanto os golpistas amargavam a derrota do anticomunismo e se cobriam de vergonha e opróbrio, os comunistas se impunham ao reconhecimento e ao respeito de todas as demais forças verdadeiramente nacionais e democráticas, participando firmemente da luta contra o golpe. Foram os comunistas, em 1961, quem, ao lado dos partidos e a opinião pública se achavam ainda perplexos, os primeiros a indicar que a única solução possível para a crise era o cumprimento da Constituição, empossando-se na Presidência da República o sr. João Goulart. A essa clarividência, que exigiu o respeito à Constituição e o "Estado de São Paulo" chamou de "habilitada manobra" e a ela atribuiu o êxito do movimento pela posse de Jango. Foram os comunistas, também, os primeiros a reconhecer o jogo das forças conciliadoras que, para impedir uma vitória democrática de mais largo alcance, tramaram a saída do povo a emenda parlamentarista. Assim como foram os comunistas a força que não vacilou em sua insistente em lançar todo o peso de sua influência no seio do movimento operário e estudantil, da intelectualidade e das organizações populares, no sentido de barrar o golpe e empurrar os golpistas. Na atuação dos comunistas resultou, bem nítido e marcante, o sentido de unidade — marchando ao lado das demais forças antigolpistas, ao mesmo tempo em que criticando as vacilações e a capitulação dos grupos políticos que tendiam ao compromisso e enfim o impuseram, através da reforma constitucional. Por tudo isso, deram os comunistas uma importante contribuição à frente democrática e patriótica que se formou no país, oferecendo um magnífico exemplo de lucidez política e de fidelidade aos interesses do povo e da pátria.

Se a solução para a crise não foi a que mais convinha ao Brasil e seu povo, não há dúvida, entretanto, de que se verificou — mais em termos permanentes do que imediatos — um sensível avanço do movimento nacionalista e da luta democrática. Fixamos aqui, rapidamente, apenas dois aspectos: a derrota do anticomunismo e o crescimento da autoridade e do prestígio dos comunistas. São aspectos que se ligam inseparavelmente, mostrando com toda a clareza como são favoráveis, em nosso país, as condições para a unidade e a ação das amplas forças que aspiram à liberdade, a efetiva independência nacional e às transformações sociais progressivas exigidas pela esmagadora maioria do povo brasileiro.

Ameaças de Heck provam: Golpistas têm que ser punidos

discursos pronunciado pelo almirante Silvio Heck, ao deixar o Ministério da Marinha, após o fracasso do golpe, não é somente um desforo. É muito mais do que isso: é uma plataforma das forças que não conseguiram implantar, agora, a ditadura militar reacionária, mas ameaçam voltar à carga.

Ex-ministro Heck, já depois de empossados o presidente da República e o Conselho de Ministros, tem a audácia de justificar a conduta golpista dos ministros militares, que se atreveram a rasgar a Constituição "vetando" a posse do sr. João Goulart, impondo o estado de sítio de fato e ameaçando arrastar o país a uma guerra civil. E isso é feito em o maior cinismo, chegando o sr. Heck ao ponto de dizer que a trindade golpista se achava no "desempenho de uma de suas mais altas missões constitucionais". Como se vê, ou o sr. Heck não sabe o que é missão constitucional ou pensa — éle e os que escrevem o seu discurso — que o povo brasileiro pode ser ludibriado com artifícios de semântica tão grosseiros e pueris.

Como grave no discurso não é, entretanto, o cinismo. É a facilidade com que o sr. Heck lança ameaças e se declara disposto, em nome não se sabe de quem, a retaliar sua fracassada quartelada contra a Constituição e o povo. "Deixo, porém, o cargo sem abandonar a luta" — ele e os que escrevem o seu discurso — "e o povo brasileiro pode ser ludibriado com artifícios de semântica tão grosseiros e pueris."

Utilizando, com infamável finalidade golpista, a influência dos postos de mando de que dispõem, alguns dos eternos inimigos do desenvolvimento de nosso sistema democrático levaram o Brasil, fragmente a fragmente, à guerra civil.

O ultimatum de sabor fascista, mandado ao Congresso, em forma de voto a investidura do sr. João Goulart na Presidência da República, constitui o primeiro passo para o estabelecimento de uma ditadura de direita. Os responsáveis pela tremenda aventura lançaram as cartas na mesa. Logo depois desse gesto de aventurismo verificou-se porém, que o golpe não se arruina a perder a partida, o que afinal se confirmou.

Sem dúvida, destacaram-se na resistência ao golpe algumas forças representativas de nossa consciência democrática: os militares, homens da estatura moral de Loti e Machado, que dentro de suas áreas ergueram-se em defesa da legalidade democrática; governadores como Brizola e Mauro Teixeira; os bravos ferroviários da Leopoldina e os representantes de outros setores da classe operária que desfaldaram a bandeira da greve política; os jornais do Rio e dos principais centros econômicos e políticos do país, que responderam com presteza e combatividade ao aventurismo golpista; os estudantes e outros setores do novo que no Rio e noutras cidades saíram à rua para combater o golpismo, em qualquer terreno.

A vitória conseguida contra o cinismo não foi isoladamente desta ou daquela coletividade, dos representantes desta ou daquela tendência política existente no quadro da realidade nacional, nem foi isoladamente uma vitória deste ou daquele líder, militar ou civil, projetado na erista dos achibocamentos em virtude de corajosas tomadas de posição. A vitória foi do novo brasileiro em seu conjunto. Assim aconteceu na vida civil, como na vida militar, onde a ação patriótica de oficiais, sargentos, cabos e soldados, em defesa da legalidade, constituiu demonstração de homogeneidade jamais observada em nossa história.

Como resultado da fragorosa derrota dos golpistas afletos e ao funcionamento de nossas instituições políticas. Resta portanto que o impulso da grande vitória não sofra amortecimento. A fim de que o Brasil consiga construir, em benefício de seu desenvolvimento democrático, alguma coisa de sólida e duradoura, é preciso que comecem a trabalhar em torno de um programa patriótico, que comecem a desenvolver correntes e instituições interessadas em nossa completa libertação econômica, em nossa progresso social e político, na sustentação das liberdades democráticas e na luta por melhores condições de vida do povo. Nesse sentido, abrem-se à vida política brasileira perspectivas amplas.

Nota Econômica José Almeida

O PREÇO DO GOLPE

Revelou o sr. Clemente Mariani, ao transmitir o cargo de ministro da Fazenda ao sr. Valtér Moreira Sales, que nos 13 dias em que a Nação esteve à mercê da sanha golpista, foram emitidos nada menos de 52 bilhões e 500 milhões de cruzeiros. Para que se tenha uma idéia do que representa essa massa de papel-moeda novo, lançado em circulação, diremos que é quase tanto quanto o governo inflacionista do sr. Juscelino Kubitschek emitiu em 1960 (ano recorde de emissões) e pouco menos do dobro emitido pelo governo do sr. Jânio Quadros nos meses em que existiu. Computadas as emissões feitas desde fevereiro, teremos que o papel-moeda em circulação cresceu de mais de 80 bilhões de cruzeiros, sendo que só a partir de 25 de agosto tal aumento foi da ordem de mais de 20%.

vidas pela Caixa de Amortização. Isto é, tornaram-se as fontes de onde saíram. De maneira, seu efeito inflacionário seria mínimo. Entretanto, cumpre não perder de vista uma série de aspectos, que os defensores dessa idéia simplista omitem, por motivos óbvios, e entre eles: 1) uma grande parte daquele dinheiro foi realmente gasta em fins totalmente improdutivos, com o deslocamento de tropas, belonaves de elevado custo de operação, etc., o que, evidentemente, não estando previsto no orçamento, só pode ter sido pago com créditos (ilgais) suplementares; 2) uma grande parte dos bilhões de cruzeiros entesourados particulares só retornará aos bancos, onde estavam depositados, depois de certo tempo, que será maior ou menor conforme grau de segurança e estabilidade do novo governo e a confiança que éle desperte no público; 3) ainda em relação a esses bilhões entesourados, uma parte, definitivamente não voltará aos bancos, pois é uma característica de períodos críticos como aquele em que viveu o país que as coletividades aumentam suas despesas de consumo — a medida que deformado, mais de certos artigos do que de outros —, de tal modo que a população se reduz; 4) a experiência brasileira desautoriza qualquer previsão otimista em relação ao retorno do papel-moeda emitido, inclusive porque, dispondo de mais dinheiro em mãos, os bancos podem — geralmente o fazem — ampliar sua rede de empréstimos; 5) é geralmente no fim de segundo semestre de cada ano que mais se torna a demanda de dinheiro, seja por motivos de ordem natural (safra de café, etc.), seja pelo próprio movimento econômico (campanhas salariais, compromissos, públicos e particulares, etc.).

Por força do hábito, da experiência na própria carne, sabem todos o que significará o impacto dessa emissão maciça sobre a economia nacional e, em particular, sobre o custo de vida. Todavia, a simples referência às emissões está longe de dar uma visão completa do quadro, ou de exprimir o preço que o país vai pagar pela desvalhada tentativa de alguns chefes militares reacionários de "salvar a pátria do perigo comunista". As emissões devem-se acrescentar outros fatores negativos, como a queda nas arrecadações de impostos (federais, estaduais e municipais), a diminuição na produção (sobretudo industrial), a redução que fatalmente sofreu o comércio exterior, inclusive pela paralisação dos portos e de toda a nossa marinha mercante, a sustação de negócios em face da total insegurança no futuro que caracterizou aqueles dias, etc. Ainda que não seja possível, senão depois de passados alguns meses, avaliar-se o montante dos prejuízos sofridos pela economia nacional, não será exagerado desde já estimar-se tais perdas em dezenas de bilhões de cruzeiros. Com o grau de relativo desenvolvimento já alcançado pela economia do país, qualquer abalo da profundidade deste por que ela passou só pode refletir-se em cifras muito elevadas.

De tal maneira, o mais certo é que as autoridades consigam retirar da circulação, fazendo retornar ao Banco do Brasil, apenas uma parte, dificilmente estimável do total lançado nos dias do golpe, mas relativamente pequena.

Por fim, convém assinalar que esta é, apenas uma faceta do problema, cuja gravidade e complexidade só pode acentuar-se com a anunciada manutenção da política econômico-financeira. E, como quer que venha a ser contada depois a história, não resta dúvida que precisamente tal política é uma das principais componentes da situação por que passou o país.

Povo exige impedimento para

ras, um grande comício pelo Impedimento de Lacerda. Na ocasião falarão ao povo proceres de diversos partidos políticos, deputados estaduais, dirigentes operários e estudantes e oradores populares. Em princípio a concentração está programada para o Largo do Machado.

Fora de Rumo Paulo Motta Lin.

Utilizando, com infamável finalidade golpista, a influência dos postos de mando de que dispõem, alguns dos eternos inimigos do desenvolvimento de nosso sistema democrático levaram o Brasil, fragmente a fragmente, à guerra civil.

Como grave no discurso não é, entretanto, o cinismo. É a facilidade com que o sr. Heck lança ameaças e se declara disposto, em nome não se sabe de quem, a retaliar sua fracassada quartelada contra a Constituição e o povo. "Deixo, porém, o cargo sem abandonar a luta" — ele e os que escrevem o seu discurso — "e o povo brasileiro pode ser ludibriado com artifícios de semântica tão grosseiros e pueris."

Como resultado da fragorosa derrota dos golpistas afletos e ao funcionamento de nossas instituições políticas. Resta portanto que o impulso da grande vitória não sofra amortecimento. A fim de que o Brasil consiga construir, em benefício de seu desenvolvimento democrático, alguma coisa de sólida e duradoura, é preciso que comecem a trabalhar em torno de um programa patriótico, que comecem a desenvolver correntes e instituições interessadas em nossa completa libertação econômica, em nossa progresso social e político, na sustentação das liberdades democráticas e na luta por melhores condições de vida do povo. Nesse sentido, abrem-se à vida política brasileira perspectivas amplas.

Brasília Durante a Crise

A Dança do Parlamento Entre o Golpe e a Defesa da Constituição

quando o deputado Bocaiuva Cunha pediu a palavra para uma comunicação urgente. Lá, então, diante do plenário, o deputado falou de maneira tão enérgica e tão firme, a famosa mensagem de Lott ao povo brasileiro, em que reclamava o respeito à liberdade de imprensa e ao direito de Denys e seus parceiros. As palavras do antigo candidato à Presidência da República indicaram aos parlamentares que a opinião pública não aceitaria uma capitulação e que o Exército não estava coeso atrás de ministro da Guerra. Lá pelas duas horas da manhã quando abandonavam o Palácio do Congresso, os parlamentares afirmavam com segurança: "Se não fecharem o Congresso nessa madrugada, não o conseguiremos mais".

UM DOMINGO CINZENTO

Apesar da extrema gravidade da situação, não funcionou a Câmara naquele domingo cheio de terríveis indagações. E foram os próprios deputados do PTB que fizeram com que se desconvoasse a sessão já marcada. Eis a razão de tão estranha decisão: evitar a queda de Sérgio Magalhães da presidência da Câmara, tramada pela liderança do PSD e com anuidade da UDN. Como se sabe, na véspera o deputado trabalhista carioca havia divulgado uma vigorosa nota de protesto contra a trama golpista, em que afirmava preferir a guerra civil a uma capitulação, e que arquivaria qualquer proposição de emenda à Constituição. Pegaram os rúbricos do PSD e da UDN nessa parte final das declarações do presidente em exercício da Câmara, mostrando como um atentado ao regime interno. Diante da horrível situação que iria cair no plenário, tornando difícil a posição de Sérgio Magalhães, suspendeu-se a convocação da sessão, para deixar à Mesa a descoberta de uma solução de contorno da crise. Afinal, tudo se deu com uma Nota assinada pelos membros da Mesa que proclamavam, ao mesmo tempo, a firme posição a respeito da legalidade e o respeito rigoroso às normas regimentais. Venceu-se, assim, mais uma sordida manobra dos líderes de Alkimin que buscavam, a todo transe, uma solução que deixasse o poder com o PSD.

MENSAGEM DE LOTT

A sessão noturna da marçanda para o seu término

S. JOÃO DE MERITI: POPULAÇÃO EM PISO CONTRA O GOLPE

SAO JOAO DE MERITI (do Correspondente) — Convocando o povo a tomar posição em defesa da legalidade, com a posse do sr. João Goulart na Presidência da República, as associações de classe, os partidos políticos e dirigentes estudantis lançaram vibrante manifesto nos dias que se seguiram à renúncia de Jânio Quadros, assinado em primeiro lugar pelo sr. Chefe do Executivo local, sr. Arjo Teodoro. O documento denunciava os tentos de subversão que tentavam implantar no país uma ditadura militar, despojado da soberania popular. Atendendo à convocação, desfilou-se em todo o município amplo movimento em favor da legalidade, destacando-se as seguintes iniciativas: ato cívico na Câmara de vereadores, passeata popular, dois comícios na Praça da Matriz, com o comparecimento em pessoas, fundação do Comitê de Resistência Contra o Golpe e de apoio aos irmãos do Rio Grande do Sul, comícios, relâmpago em todo o município, abrangendo as localidades de Engenheiro Beltrão, S. Mateus, Tomasinho Eden, Vila Norma (onde, através de uma estação de rádio, os patriotas dirigiram a palavra a mais de 10 mil pessoas), Largo do Respeito, Vila Tiradentes, Agostinho Pórtico, Coelho da Rocha, Vila dos Teles, Jardim Mercedes, Parque Atrium, Vila Rosaly, etc. Foram distribuídos cerca de 17.000 volantes, contendo o manifesto dos partidos políticos e das associações de classe, bem como a proclamação de Luís Carlos Prestes indicando a posse de João Goulart como a solução para a crise. Os patriotas de São João de Meriti deram, assim, valiosa contribuição à causa da legalidade.

COM QUEM ESTÁ MACHADO LOPES?

A partir de domingo a Câmara, como o resto do país, passou a ser sacudida pelas boas novas do Rio Grande do Sul. A "Cadeia da Legalidade", a cada instante, transmitia as informações sobre a resistência gaúcha e a disposição do governador Brizola de não capitular ante o grupelho golpista. Na sala da bancada do PTB, foi colocado um potente aparelho de recepção e o deputado José Silveira organizou um serviço de divulgação das informações das emissoras do Palácio Piratini, distribuindo cópias datilografadas com o resumo das notícias mais importantes. Na segunda-feira, travasse, então, uma discussão acalorada em torno da seguinte questão: de que lado está o III Exército? Através de vários porta-vozes, e especialmente do resistente golpista Mendes de Moraes, o marechal Denys procurou quebrar o ânimo de resistência dos parlamentares, dizendo que Machado Lopes estava com ele e que as informações de Brizola eram falsas. Uma Comissão de Deputados vai ao Ministério da Guerra para apurar o assunto, pedindo provas para a alegação da "fidelidade" de Machado Lopes ao dispositivo golpista. No final

O NEXO PSD — UDN

No dia seguinte, o réo compressor do bloco parlamentar PSD-UDN, que se formou naturalmente para impedir a vitória completa do PTB, desde a hora da renúncia de Jânio, faz passar uma drástica reforma ao regimento interno da Câmara, a fim de que o PTB não pudesse lançar mão do legítimo recurso da obstrução. Apesar da luta ingente de Aurélio Viana, Lycio Hauer, Salvador Losacco, Hêlio Ramos, completa-se, depois de umas oito horas de sessão a manobra da "Operação Rolha", que iria abrir caminho para a Reforma da Constituição.

Chega-se ao dia primeiro de setembro e a Câmara é convocada para votar uma reforma parlamentarista, cujos reboques finais eram dados pela triste figura do deputado Nelson Carneiro, que prestou-se ao papel de "patrocinador" da indecorosa manobra articulada pelo triunvirato Alkimin — Pedro Aleixo e Santiago Dantas. Protesta o PTB com veemência e Aurélio Viana levanta sucessivas questões de ordem sem obter resultado. A maioria deseja, a todo custo, votar em poucas horas a emenda parlamentarista, não obstante não estar ela ainda sequer pronta e ser impossível a qualquer deputado um exame sereno do que se votará. Avóca da FAB são despatchados para o Rio e São Paulo a fim de trazer parlamentares do PSD e da UDN, algibeiros com a magnata Edilberto Ribeiro de Castro, que só havia pisado em Brasília raríssimas vezes, chegara eufórico para votar o parlamentarismo. Um observador mais atento, ironicamente observa: veja como os mais ferrenhos presidencialistas e capitães da indústria como Lafer, Olavo Fontoura, Bagueira Leal, Maurício Andrade viraram "parlamentaristas". A palavra de ordem do PSD dada pelo Amaral Peixoto é clara: o parlamentar do PSD ou vota pela emenda ou perde a legenda! Na UDN os pruridos da legalidade são vencidos com a observação: a reforma da constituição ou a guerra civil.

Nada disso bastava. Era preciso "furar" o PTB. O velho Lima é então lançado para fazer abrir uma grande dissidência nas fileiras trabalhistas. Para isso tudo vale. Como Nelson Omega, especula-se com as suas divergências com Jango. Com outros, é o mesmo fantasma da guerra civil ou do fechamento do Congresso. Para outros, é a defesa das excelências teóricas do parlamentarismo.

A CONSUMAÇÃO DO GOLPE

A batalha no plenário é ardorosa e emocionante. O PTB e Aurélio Viana levam o debate para o terreno concreto da absurda e ilegal tramitação de uma reforma constitucional em 24 horas. A obstrução é difícil, pois estava em vigor o regime da "rolha" e o presidente Sérgio Magalhães não aceita várias questões de ordem. Quando é iniciada a votação, descobre Hêlio Ramos que a ser votada uma emenda diferente da que tinha sido posto em discussão. Era o escândalo completo. Pressionado pelo depoimento de Breno da Silveira, que havia eventualmente ocupado a Presidência no início da discussão, e que insistia em que outra era a emenda, Sérgio Magalhães determina o rei-

mental entre as várias facções políticas.

Pouco a pouco ficou evidente que o critério predominante seria o da formação de um gabinete de "coisa nacional", dando-se a cada partido uma fatia do bolo, a fim de evitar grandes protestos. Sucedem-se os espetáculos ridículos. Um parlamentar confidioso amigável para tomar posse em casa do seu colega Antônio Carlos Magalhães, que aniversariava no dia. Uns vinte camam na esplaneta e a certa hora entra o ex-presidente Kubitschek. Várias declarações são formuladas no sentido de que todos os presentes estavam firmados no propósito de fazer de fulano de tal ministro de Estado... Foi um corre-corre, pois a metade dos presentes de nada sabia, enquanto a outra metade era composta de uns 10 quase-ministros. Na sala do café da Câmara formavam-se os clubes dos "327". Tais clubes nasceram do raciocínio simplista de um dos "neoparlamentaristas". Dizia ele: "ora, se estamos no parlamentarismo e se somos 327 deputados, cada grupo de 327 deputados dá um ministro. Eis aí o parlamentarismo consequente".

NECESSÁRIOS 218 VOTOS

A aprovação da emenda exigia que votassem sim 218 deputados. Tal "quorum" era apertado, mas como o PSD e a UDN davam tudo, poucas eram as esperanças de que ele não seria alcançado. Como a obstrução continuava, determinaram os líderes dos dois partidos que seus liderados não se afastassem, sob nenhum pretexto do Palácio do Congresso. Via-se, assim, pelas cómodas poltronas dezenas de pesadistas e udenistas dormindo a sono sóto, esperando a chamada das campanhas que anunciariam a votação. Esta só teve início à pelas três horas da madrugada, dando um ponto final na batalha parlamentar. Resultado: 334 votos pela emenda e 54 contra. Entre esses encontravam-se cinco pesadistas: José Joffly, Armando Carneiro, Vasconcelos Torres, Andrade Lima Filho e Vilmar Dias. Do PSP sete rebelaram-se contra o golpe branco: Neiva Moreira, Abraão Moura, Souza Leão, Lourival Batista, Adão Pereira Nunes, Silvio Braga e Amaral Gurgel. Entre os udenistas não houve um só voto contra, mas José Sarney e Seixas Dória absteram-se, fazendo declarações de voto e Gabriel Passos afirmou que votava pela emenda, tendo em vista a anuidade do sr. João Goulart. Dentro da bancada trabalhista votaram pelo sim, entre outros: Batista Ramos, Nelson Omega, Padre Nobre, Gabriel Gonçalves, Osvaldo Lima Filho. O deputado Lycio Hauer, apesar de ter participado de vários aspectos da obstrução, não apareceu para votar, pois se encontrava gravemente enfermo.

O GOLPE DO TANCREDO

Naquela situação ambígua e em que todos esperavam uma palavra do Jango, viu-se que era imprescindível conhecer-se a opinião do maior interessado e a quem caberia fazer a indicação do primeiro-ministro. Decidiu-se, então, a ida do avião presidencial a Montevideu ou a Porto Alegre, levando Amaral Peixoto, Almino Afonso, e outros líderes partidários. Por razões até hoje não esclarecidas o

REPÚBLICA POPULAR DA BULGÁRIA

A República Popular da Bulgária viu passar, a 9 de setembro último, o seu 17º aniversário. É oportuno, pois, ressaltar o profundo significado da revolução nacional que culminou com a queda da realista e a proclamação da República, cuja direção passou às mãos do proletariado. A história da Bulgária encerra episódios de luta incessante e de indescrivíveis sofrimentos do povo. Submetida pelos romanos, submetida por bizâncios, torturada pelos turcos durante cinco séculos, dominada pela Alemanha, sobreviveu a todas essas calamidades. Situada "uma região que já foi a mais turbulenta da Europa, a nova Bulgária constitui hoje um exemplo de ordem, progresso e de povo amante da paz. Com pouco mais de 110 mil quilômetros quadrados e menos de oito milhões de habitantes, a República Popular da Bulgária controla os seus navios, exporta material elétrico, máquinas, ferramentas, produtos químicos, extrato de rosa, conservas, verduras, flores, etc. Ao ensejo da data magna do povo búlgaro, os trabalhadores brasileiros saudam fraternalmente os seus irmãos daquele país — hoje uma nação rica e feliz — augurando-lhes novos êxitos em seu caminho de paz e de progresso.

FORMAÇÃO DO MINISTÉRIO

Com a votação da emenda parlamentarista, as atenções de todos voltaram-se para a chegada de Jango a Brasília e para a composição do novo governo. No sábado à noite, no dia 2, no mesmo momento em que era promulgado solenemente o Ato Adicional, começaram a ser divulgadas notícias de que Jango havia se empossado em Porto Alegre e que não aceitava o parlamentarismo. Este foi o último momento de abalo da Câmara. Lá pelas quatro horas da madrugada, Doutel de Andrade conseguiu falar pelo telefone com Jango, que desmentiu as informações da Rádio Guariba. Sentiu-se, então, que a grande batalha democrática chegara ao seu fim e que restava tão somente resolver a ingloria divisão do espólio governa-

Já no PTB as posições são equivocadas. Enquanto Almino Afonso recusa o Ministério da Justiça e procura fazer com que a bancada assumira uma posição política de princípios, por trás, outros parlamentares do PTB solapam o seu "trabalho, reivindicando isoladamente cargos e posições".

Os ministros militares são escolhidos por Kruel. Moreira Salles é apresentado como a única solução para o Ministério da Fazenda e a justificativa desta escolha no argumento de que ele seria o único homem de confiança dos banqueiros dos Estados Unidos, sendo portanto a pessoa indicada para garantir que os empréstimos obtidos por Mariani não sejam cancelados. Na Câmara, portanto, todos eram unanimidade Moreira Salles foi indicado pela Embaixada norte-americana.

Max o oposto também verificou-se. Não por acaso, no dia da posse do presidente e dos ministros ante o Congresso, nenhum nome foi mais ovação do que o de Gabriel Passos. Todas as vezes que o seu nome era proferido recebia uma aclamação ensurdecedora. Era a homenagem ao homem realmente representativo do Parlamento, das batalhas contra o impedimento de Jango e das grandes causas nacionalistas, e anti-Moreira Salles por excelência.

Escolhido o Ministério, só ficaram em Brasília os deputados e senadores que se julgam com chance de ainda conseguirem alguma posição secundária. Mas, a nova capital não ficou deserta. Muito ao contrário. Foi inundada rapidamente pelos esternos candidatos às direções de empresas estatais, de autarquias e outros postos. Nessas múltiplas pensões e em torno delas agem com rapidez. Terminou, assim, melancolicamente no Parlamento a crise política, mas, os deputados mais argutos não escondem a sua preocupação diante do que virá agora com a luta do povo pelos seus problemas, reivindicações e exigências políticas.

Em Liberdade Jornalistas Presos Pelos Golpistas em Pernambuco

RECIFE — Após vários dias de detenção no Forte das Cinco Pontas, de onde foram conduzidos em aviões da FAB para o presidio da ilha de Fernando de Noronha, foram finalmente libertados no dia 5 do corrente pela polícia pernambucana os jornalistas David Capistrano e Aluizio Falcão, presos juntamente com vários líderes sindicais durante a crise que ameaçou o país com a implantação de um regime de exceção. David Capistrano é diretor do semanário democrata "A Hora", e pelo seu passado de luta em favor das causas populares, foi o mais visado pelos golpistas, tendo sido transportado para Fernando de Noronha amarrado e dentro de um saco completamente vedado. Aluizio Falcão é diretor da Divisão de Divulgação e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife. Ao serem soltos declararam os conhecidos homens de imprensa: "Os democratas presos vieram da prisão ainda mais convencidos dos princípios que defendiam antes de lá. Reafirmamos nossa posição contra o golpismo e de defesa da legalidade democrática. Protestamos contra a prisão ilegal e agradecemos a solidariedade que temos recebido". Juntamente com os jornalistas estiveram encarcerados os dirigentes sindicais Gilberto Azevedo e José Raimundo da Silva, da Federação dos Bancários; João Barbosa de Vasconcelos, presidente do Sindicato dos Co-

NOVA DATA DA CONFERENCIA DA ULTA

S. Paulo — (da Sucursal) — Adida em face dos últimos acontecimentos que envolveram o país a I Conferência Estadual da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB) terá sua data marcada em reunião da comissão preparatória do conclave a realizar-se amanhã nesta capital. Várias assembleias de preparação da Conferência foram realizadas em cidades do interior, destacando-se, pelo número de lavradores presentes, as que tiveram lugar em Marília, Presidente Prudente, Getulina, Juguí, e Sertãozinho. Mais de duas centenas de delegados já estão credenciados para o grande debate dos problemas camponeses, avendo este número elevar-se ainda consideravelmente. No processo de preparação da Conferência foram criadas novas associações e de trabalhadores agrícolas nos seguintes municípios: Birigui e Andradina (na Noroeste); Ouro Verde (na Alta Paulista); Ourinhos, Xavantina, S. João do Grande, Palmital, Fargueira Paulista, Presidente Prudente e Presidente Bernardes (na Sorocabana); Getulina, Mecedônia e Guarani do Oeste (na Araraquarense); e Sertãozinho (na Mogiana).

NR ROMANCE

Iuri Gagarin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui Falcó
Ilustrações de MAX

110

Toda uma tábu de letras e sinais do começo até o fim, desde as graúdas às mais miúdas. Pesquisavam insistentemente se havia qualquer estrabismo oculto, panham é prova a visão à noite, examinavam detidamente o fundo do olho. Aconteceu que não apenas uma vez, como era comum, mas seis vezes tive que ir ao oculista e depois de cada vez recomçava tudo: novamente a tábu de letras e sinais, a análise do sentido das cores; olhe com o olho direito, agora com o esquerdo, olhe para cá, agora para lá... Em resumo, o médico trabalhava segundo a fórmula: "Medir sete vezes antes de cortar". Procurou, procurou, mas nada encontrou em meus olhos.

Procederam a verificações quanto à capacidade de trabalhar em condições difíceis. Mandavam efetuar operações aritméticas com cifras que inicialmente deveriam ser procuradas numa tábu especial. Com isto comprovava-se a rapidez no trabalho, as respostas corretas. A primeira vista a solução da tarefa era simples. Mas logo ligava-se o alto-falante no qual uma voz monótona começava a buscar a solução. Entretanto, em lugar de ajudar, a voz impedia a concentração. A atenção começava a distrair-se e era necessário impor-se o prosseguimento do trabalho, sem prestar atenção no "amigo prestimoso". Era difícil. No entanto, isto eram apenas as fíres; os espinhos viriam depois.

Os médicos eram numerosos, e cada um tão rigoroso como um promotor. Não havia recurso de apelação: os candidatos a cosmonautas voavam pelas comissões numa roda viva. Eram postos à margem pelos terapeutas e neuropatologistas, cirurgiões e lrinlogistas. Mediam-nos de alto a baixo e de lado a lado, percutiam-nos por todo o corpo, giravam-nos em aparelhos especiais... Objeto de especiais atenções era o nosso coração. Por ele, os médicos tinham toda uma biografia de cada

111

sível ocultar o que quer que fosse. Um instrumental complexo localizava tudo, até mesmo os mínimos defeitos de nossa saúde.

A comissão era dirigida por um médico experiente, Evgueni Alexievitch, homem de grande erudição e saber. Belo, de olhos azuis, bem-humorado, imediatamente captou as simpatias de todo o nosso grupo, e mesmo aqueles que não haviam passado no exame de saúde ssiam com a melhor das impressões sobre ele.

— Não se zanguem com a medicina, meninos, pílheria vai ao examinar-nos; continuem a voar, mas não na estratosfera superior.

A seleção foi rigorosa. De uma dezena de homens restava apenas um. Mas este mesmo não estava convencido de que passaria pela próxima comissão indicada ao despedir-se de Evgueni Alexievitch. Ele me aconselhou a preparar-me para essa comissão.

— Estava vencida a primeira etapa, e eu tinha esperanças. Voltara ao regimento e passei os dias aguardando. O tempo corria rapidamente. Como antes, pela manhã eu ia para o aeródromo, eu saía sobre as montanhas e o mar, dava plantão, ia equilar nas horas livres, deixava Léna aos cuidados do vizinho, e juntamente com Vália dava umas voltas pela pista da guarnição, como antes redigi na "Fólia Militar", brincava com minha filha, lá as tragédias de Shakespeare, os contos de Tchekhov, relia, pela segunda vez, o romance de Victor Hugo "Os Homens do Mar".

Cansel de esperar uma segunda chamada. Era difícil, porque esperava sozinho. Eu tinha guardado silêncio sobre a minha primeira visita à junta médica, dizendo que se tratava de uma comissão comum para assunto de serviço. A consciência me doía, pois nada ocultávamos um ao outro. Mas aquele era um assunto muitíssimo invulgar e, por enquanto, o melhor era guardar silêncio. Assim havia aconselha-

112

do Evgueni Alexievitch, o comandante do regimento.

E os dias se passavam. Já me parecia que se haviam esquecido de mim, que eu não passara. Minha estatura não é alta, tinha aparência débil, não podia me vangloriar de meus músculos. E, no entanto, juntamente comigo tinham sido examinados pela junta rapazes vigorosos, de elevada estatura, ombros de carregadores, vendendo saúde... Como podia eu competir com eles? Tentava esquecer-me de meu pedido, da comissão, mas não podia.

Vália cuidava de nossa filha, vivia muito ocupada com os encargos do Conselho Feminino, sonhava em poder ingressar no Instituto de Medicina. A noite, quando nos encontrávamos em casa, ela às vezes me olhava de maneira estranha, com um olhar interrogativo, como se tentasse adivinhar o que se passava em minha alma.

— Será que não estás doente, Iura? Indagava ela, e, como todos os médicos, aconselhava-me a medir a temperatura.

Eu punha o termômetro, mas a coluna de mercúrio persistia em ficar nos 36,6. E no entanto eu estava enfermo, de uma doença que não tem denominação na medicina: a atração pelo Cosmos continuava a inquietar-me. Mas sabia que desta doença nenhum médico poderia curar-me.

E quando finalmente havia perdido as esperanças, quando me parecia que não restava mais nenhum recurso, chegou um dia uma carta. Chamavam-me novamente à junta médica. E fui mais uma vez sem dizer nada a Vália para onde nem para que me chamavam.

E as coisas recomçaram. A exigência do médico era agora duas vezes maior. Todas as análises eram hoje, nada se modificava em meu organismo. Evgueni Alexievitch estava contente.

Continua

Juraci Lançou Cães Policiais Sobre o Povo em Praça Pública

PARCEIRO DE LACERDA QUIS DAR GOLPE BAIXO NO PIAUI



Festa Nacional da Bulgária

Nos salões do Hotel Glória, decorados com as bandeiras do Brasil e da Bulgária, realizou-se no dia 8 último, a solenidade comemorativa da festa nacional da República Popular da Bulgária. Durante o ato ouviram-se músicas típicas búlgaras. Estiveram presentes numerosas personalidades, entre as quais os sr. Boudin Keremidarov, encarregado de Negócios, John Dobrew, secretário da Associação Cultural Brasil-Bulgária, o pianista Arnaldo Estreia, o escritor Aparício Torelly,

Maranhão: ESTUDANTES E TRABALHADORES FORAM ÀS RUAS CONTRA O GOLPE

São Luís — (do Correspondente) — Empossado o sr. João Goulart na Presidência da República, com a derrota do grupo golpista que pretendia implantar no país uma ditadura militar, o povo maranhense rejubescia por essa vitória, pela qual lutou bravamente desde o primeiro momento da recente crise. Os maranhenses decepcionaram-se com a instituição do parlamentarismo, pela forma como se processou, sob virtual estado de sítio e consideram o fato como uma inadmissível concessão aos inimigos da democracia. Contudo, revigorados pelas magníficas experiências acumuladas durante os dias que sucederam à renúncia do sr. Jânio Quadros, estão firmemente dispostos a consolidar e aprofundar a vitória, embora parcial, alcançada pelas forças mais progressistas de nossa Pátria. Depois que os estudantes universitários, por iniciativa dos acadêmicos de direito, deflagraram a greve geral pela posse do sr. João Goulart, erguendo com desassombro a bandeira da legalidade, multiplicaram-se as

iniciativas das diferentes organizações populares, com o mesmo objetivo. A Associação dos Trabalhadores Agrícolas do Maranhão empossou sua nova Diretoria no dia 26 de agosto, sob o signo da legalidade e da reforma agrária. O padre Alípio de Barros, o deputado Vera Cruz Marques, acadêmicos, dirigentes sindicais e camponeses, o dr. William Moreira Lima e outros fizeram uso da palavra. A bandeira da legalidade foi também desfraldada na posse da nova Diretoria da União dos Ferrovilários do Maranhão e na Assembleia Legislativa Estadual.

VOLUNTARIADO
Aberto o voluntariado pela legalidade, no sábado, poucas horas depois centenas de inscrições já se haviam realizado, enquanto dirigentes da Associação dos Trabalhadores Agrícolas do Maranhão seguam para o interior do Estado, num amplo trabalho de esclarecimento e mobilização dos homens do campo. A União dos Ferrovilários, por sua vez, tomou todas as medidas para a imediata deflagração de greve geral, ca-

so não fosse respeitada a vontade popular, com a posse do sr. João Goulart.

GOVERNO OMISSO
O governo do sr. Newton Belo, apavorado, acolheu-se inicialmente. Depois que os estudantes ganharam as ruas e quando os golpistas pareciam dominar a situação, o governador tentou, lançando mão de sua polícia, impedir as manifestações pela legalidade. Recuou, entretanto, desse propósito deixando tal tarefa a cargo do 24º Batalhão de Caçadores. Contudo, ante a firmeza com que estudantes, operários, camponeses e o povo em geral se colocaram em defesa da democracia ameaçada, o comando militar decidiu retirar das ruas os soldados daquela unidade.

MILHARES DE VOLANTES
Cerca de oitenta e cinco mil volantes foram impressos e distribuídos em todo o Estado durante os dias da crise destacando-se os que reproduziam as proclamações do marechal Lott, de Luís Carlos Prestes, a carta do general Machado Lopes ao marechal golpista Odílio Denys, os manifestos da ATAM, dos universitários, ferroviários, secundaristas, movimento nacionalista, sem contar a ampla divulgação desses históricos documentos através da imprensa local.

Esse sentimento e a disposição de luta do povo maranhense que não enfiaram armas com a simples posse de João Goulart na Presidência da República, mas que está firmemente disposto a prosseguir em sua luta pela mais ampla democratização de nossa pátria e pela definitiva derrota dos inimigos do povo.

Lavradores Fluminenses Vão Reunir-se NA DATA MARCADA A II CONFERÊNCIA

Apesar dos últimos acontecimentos políticos, que prejudicaram em parte os atos preparatórios da II Conferência Estadual dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas Fluminenses, esse importante conclave deverá realizar-se na data programada, ou seja nos dias 15, 16 e 17 de setembro, no Gabinete João Martins, em Niterói.

Conforme tem sido amplamente divulgado, a II Conferência debaterá o seguinte teor: a) situação dos lavradores e trabalhadores agrícolas do Estado do Rio de Janeiro e a luta por suas reivindicações e direitos; b) aplicação do Plano de Colonização e aproveitamento das terras devolutas e próprias do Estado, Portaria número 8 de 1960, liberação e proteção das terras, disponibilidade e ocupação, cadastro, critério e sistema, processos de distribuição e administração das terras, assistência social e de crédito e econômico; c) legislação agrária brasileira e estrutura rural brasileira; d) unidade e organização dos lavradores e trabalhadores agrícolas do Estado do Rio de Janeiro, as atuais organizações, as associações civis e a organização sindical rural.

SALVADOR (do Correspondente) — Enquanto fazia alguns pronunciamentos em favor da legalidade e outros conciliando com o golpe, o governador da Bahia, sr. Juraci Magalhães, durante os dias em que o país esteve ameaçado de mergulhar na ditadura fascista que lhe queria impor o grupelho militar ditatorial, desenvolveu uma brilhante estratégia de manifestações em defesa da Constituição levadas a efeito pelo povo baiano. Para abafar os movimentos populares o governador baiano levou seu barbearismo policial a requintes que nem o paranoico governador da Guanabara ousou praticar. Concentrações populares foram dissolvidas em Salvador a casaca, telex, gas lacrimogêneo, rajadas de metralhadoras e até a dentada de cães policiais amestrados. Sitando estudantes dentro de suas escolas, como já o fizera há 30 anos, quando interventor, prendendo o pessoal, até mesmo nos locais de trabalho, espalhando nas ruas pacatos cidadãos, a polícia baiana logrou ser a mais eficiente no cerceamento às manifestações do povo de seu desejo de ver cumprida a Constituição. O episódio mais triste do médico Herval Pina Ribeiro dá bem uma medida da truculência juracista. Foi, aquele conhecido facultativo, arrancado de dentro do seu próprio consultório pelos beleguins da polícia quando, no exercício de suas atividades, atendia a clientes. O lançamento da malta de cães policiais contra o povo que protestava sua fidelidade à democracia causou profunda indignação e desmascarou de uma vez por todas o caráter de inimigo das liberdades democráticas do sr. Juraci Magalhães.

COM DENIS
Ao mesmo tempo em que se declarava pelo cumprimento da Carta Magna Juraci hipotecava solidariedade do golpista Denis. Em mensagem enviada ao militar conspirador confessava o chefe do Executivo da Bahia: "Acompanho, emocionado, os esforços do eminente marechal, pela preservação da ordem e das instituições" (sic). E em outro trecho: "Esteja certo de que esta mesma nação saberá levantar-se contra qualquer dirigente que ouse tentar levar nosso país democrata e cristão para o odioso campo comunista". Para a mentalidade policial do governador baiano, aliás, todo o movimento do povo na defesa da democracia e pela sobrevivência da Constituição não passou de "agitacionismo comunista com fins demonstrativos e subversivos", como está no comunicado em que o governo da Bahia adverte o povo de que qualquer tentativa sua de manifestar-se favorável à legalidade se-

ria reprimida violentamente pela polícia.

VIOLOU A CONSTITUIÇÃO
Não permitindo a livre realização de concentrações públicas de repulsa ao golpismo, acossando os estudantes no interior da tradicional Faculdade de Medicina e tentando impedir até que os jovens se dirigissem ao povo através do serviço de alto-falantes que instalaram na fachada do prédio, prendendo operários, estudantes, jornalistas e quem quer que fosse que se pronunciasse legalista, fechando os órgãos do Poder Legislativo à Câmara Municipal de Feira de Santana, reuniões impedidas pelo comando do batalhão local da polícia militar, Juraci violou dispositivos constitucionais e cometeu crimes pelos quais deveria responder na Justiça comum.

ASSEMBLÉIA REPUDIOU-O
Na Assembleia Legislativa, deputados de quase todos os partidos verberaram as atitudes arbitrarias e condenaram as manobras governis-

tas de apresentar como subversivas as manifestações do povo, em defesa do regime democrático. Os parlamentares Hamilton Colim (líder do PTB), Mottinho Dourado, Djaima Bessa, Heráldo Guerra, Bolívar Santana, Henrique Lima Santana, Antônio Brito e o padre Palmeira, protestaram contra o sufocamento pela força das manifestações populares pela posse do sr. João Goulart e pela garantia de continuidade da democracia.

DCT COM O GOLPE
Mesmo depois da chegada do presidente João Goulart à Brasília o Departamento dos Correios e Telégrafos na Bahia continuou a negar-se a transmitir mensagens telegráficas de cunho legalista. Um telegrama dos jornalistas e gráficos baianos dirigido ao presidente da República, pedindo que não fossem incluídos no Gabinete de Sua Excelência elementos que hesitaram em assumir uma posição clara e inequívoca em defesa da Constituição, não foi aceito pela direção do DCT em Salvador.

BELEM, setembro (do Correspondente) — Dias de vibração patriótica e de resistência democrática viveu a população desta capital e de outras cidades do Estado, unida na defesa da legalidade constitucional contra o golpe fascista.

A renúncia do presidente Jânio Quadros e as articulações golpistas que se concretizaram no pronunciamento dos então ministros militares Grun Moss, Denys e Sylvio Heck contra a posse do sr. João Goulart no mais alto cargo da Nação, seguiram-se a manifestação maciça de entidades em defesa da democracia e a organização de Comitês de Resistência Democrática em Belém. O povo, pelas entidades de trabalhadores e estudantes, associações de bairros e outras, e ainda através do pronunciamento de personalidade, desastadas da vida do Estado, repudiou desde o primeiro momento a ação dos golpistas e se solidarizou com o governador Aurélio do Carmo pela sua pronta declaração em favor do respeito à legalidade constitucional e da posse do presidente João Goulart.

MANIFESTAÇÕES DO POVO
"Não há pretextos, não há razões, não há argumentos que se sobreponha ao rumo claramente estabelecido na Lei Magna... Fora da Constituição não pode haver legalidade mas arbitrio, prepotência, sacrifício de liberdade e opressão de uns sobre outros... Por consequência, obter o acesso do sr. João Goulart à Presidência da República é violar as instituições democráticas que nos regem... Urge que o povo, nesta hora de apreensões democráticas e ameaças, não hesite em se concretizar no golpe projetado contra o sr. Goulart por aqueles grupos interessados em deter nosso progresso e a nossa independência econômica... Voltado para os princípios que nortearam a luta do ex-presidente, deve o povo transformar-se no exército vigilante da Constituição, fazendo de cada casa, de cada fábrica, de cada escola um reduto inexpugnável onde se cultiva e se defende o regime constitucional do país". O vibrante manifesto, alguns trechos do qual estão transcritos acima, foi divulgado em todo o Estado do Pará. Milhares de pessoas de todas as classes tomaram-no em suas mãos e transformaram-no no roteiro para a ação do povo em defesa da legalidade democrática. Dezenas de milhares, além de assiná-lo, levaram à prática as suas recomendações.

ELEIÇÃO DE DELEGADOS
A fim de eleger seus delegados à Conferência Estadual e debater os pontos do teorário, reuniram-se cerca de 500 camponeses em Duque de Caxias, 300 em Cachoeira de Macacu, 250 em Casimiro de Abreu, 50 em Valença e 200 em Vassouras, além de outros. Quando estiver circulando a presente edição, outros encontros de camponeses já se terão realizado com o mesmo objetivo nos municípios de Nova Iguaçu, Campos, Cabo Frio, Macé, Macaé, Itaboraí, Itaguaí.

Os lavradores e trabalhadores agrícolas fluminenses estão contando, para a realização de sua II Conferência, com o decidido apoio dos operários e estudantes tendo sido programadas medidas práticas de ajuda pelo movimento sindical, através do Comando Unificado Sindical e Estudantil, que lutou heroicamente a luta em defesa da legalidade do Ex-Do do Rio, A II Conferência deverá ser expressiva delegação ao Primeiro Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, a realizar-se nos dias 1, 2 e 3 de outubro, em Belo Horizonte.

RESISTÊNCIA
Cremação, populoso bairro da capital paraense, deu o exemplo. Seus moradores, após uma reunião da qual participaram centenas de pessoas, organizaram o primeiro Comitê de Resistência Democrática na cidade.

gresso Estadual extraordinário da entidade para decidir a greve geral. Através de manifesto ao povo, os universitários paraenses anunciaram sua disposição de lutar em defesa da Constituição ameaçada pelos golpistas e resolveram, além de deflagrar a greve geral, o seguinte: a) — repudiar a prisão do marechal Lott; b) — tomar intransigente posição de luta em defesa dos princípios democráticos e constitucionais que devem nortear a atitude de todos os brasileiros; c) solidarizar-se com a posição de luta adotada pela UNE; e d) — concluir os estudantes, os operários e o povo em geral a manterem-se vigilantes em defesa dos princípios democráticos e constitucionais para que o espectro da ditadura não venha oprimir a consciência do povo livre".

Os secundaristas, através de sua entidade, a UECSP, tomaram resolução idêntica à dos universitários e clamaram todos os estudantes e o povo em geral a realizar manifestações conjuntas de protesto nas ruas de Belém. As duas entidades, durante todo o tempo de crise, ornamentaram as fachadas de suas escolas com cartazes e faixas alusivas à defesa da legalidade, de denúncias dos golpistas e exigindo a posse do presidente João Goulart.

GREVES PELA LEGALIDADE
Greves diversas de trabalhadores registraram-se em todo o Estado durante os dias da crise, todas elas em apoio à posse de João Goulart. Os estudantes, como nos demais Estados do Brasil, decretaram a greve geral que foi seguida à risca pelos universitários e pela imensa maioria dos secundaristas.

A União Acadêmica Paraense, órgão que congrega os universitários do Estado, declarou-se em sessão permanente a partir do momento em que foi conhecida a renúncia do presidente Jânio Quadros e convocou um Con-

GREVISTAS
Centenas de milhares de trabalhadores, representados por dezenas de órgãos sindicais do Estado de São Paulo, deram início, domingo último, a uma campanha reivindicatória de grande envergadura, constante dos seguintes itens:

- 1) aumento geral de salários;
- 2) elevação do salário mínimo;
- 3) abono de Natal de acordo com projeto existente na Câmara Federal;
- 4) direito a um mês de férias.

O salão do Sindicato dos Metalúrgicos, onde se realizou a reunião, ficou surturado, com a presença de dezenas de dirigentes sindicais, e de grande número de operários. Em meio ao intenso debate em torno das reivindicações, destacou-se a unanimidade com que os oradores, intensamente

aplaudidos, marcaram a posição dos trabalhadores em face da recente crise política, militar, denunciando o clima de terror implantado em São Paulo contra o povo, particularmente contra os líderes operários, pelo governador sr. Carvalho Pinto.

A presença do ministro do Trabalho, deputado Franco Montoro, provocou vivo interesse, tendo este assumido, perante o movimento sindical, o solene compromisso de manter e ampliar as liberdades sindicais e de encerrar sempre de modo favorável as reivindicações dos trabalhadores.

Falando em nome dos sindicatos, o sr. Francisco Floriano Dezen situou a posição dos trabalhadores com relação ao Ministro, de conlian-

do operários e esudentes, que conclamavam o povo a defender nas ruas a legalidade, cerca de 2 mil pessoas participaram de grande comício que teve lugar na Praça Pedro II, onde usaram da palavra oradores de todas as condições sociais e credos políticos, condenando energeticamente a trama golpista.

BATALHA SALARIAL EMPOLGA TRABALHADORES DE SÃO PAULO: SINDICATOS EM AÇÃO COMUM
Centenas de milhares de trabalhadores, representados por dezenas de órgãos sindicais do Estado de São Paulo, deram início, domingo último, a uma campanha reivindicatória de grande envergadura, constante dos seguintes itens:

- 1) aumento geral de salários;
- 2) elevação do salário mínimo;
- 3) abono de Natal de acordo com projeto existente na Câmara Federal;
- 4) direito a um mês de férias.

O salão do Sindicato dos Metalúrgicos, onde se realizou a reunião, ficou surturado, com a presença de dezenas de dirigentes sindicais, e de grande número de operários. Em meio ao intenso debate em torno das reivindicações, destacou-se a unanimidade com que os oradores, intensamente

aplaudidos, marcaram a posição dos trabalhadores em face da recente crise política, militar, denunciando o clima de terror implantado em São Paulo contra o povo, particularmente contra os líderes operários, pelo governador sr. Carvalho Pinto.

A presença do ministro do Trabalho, deputado Franco Montoro, provocou vivo interesse, tendo este assumido, perante o movimento sindical, o solene compromisso de manter e ampliar as liberdades sindicais e de encerrar sempre de modo favorável as reivindicações dos trabalhadores.

Falando em nome dos sindicatos, o sr. Francisco Floriano Dezen situou a posição dos trabalhadores com relação ao Ministro, de conlian-

ASSINATURAS DE REVISTAS CHINESAS PARA 1962

Estão em vias a redação de NOVOS RUMOS o sr. Jurandir Guimarães, diretor da Agência Intercâmbio Cultural, de São Paulo, representante de revistas chinesas pela República Popular da China, em visita a esta cidade para a finalidade de assinar a assinatura para 1962 das revistas chinesas. O sr. Jurandir Guimarães, em visita a esta cidade para a finalidade de assinar a assinatura para 1962 das revistas chinesas. O sr. Jurandir Guimarães, em visita a esta cidade para a finalidade de assinar a assinatura para 1962 das revistas chinesas.

CHINA ILUSTRADA
A mais procurada das revistas chinesas — diz o sr. Jurandir Guimarães — é, sem dúvida, «China Ilustrada», pela riqueza de seu conteúdo e pela sua beleza gráfica. É uma revista mensal que aparece em 17 idiomas, inclusive espanhol, inglês, francês, japonês e árabe.

As assinaturas dessa revista para 1962, assim como de todas as demais, podem ser feitas durante os seguintes períodos:

- a) As pessoas que fizerem as assinaturas no período de 15 de setembro a 30 de outubro receberão gratuitamente um número de dezembro de 1961 e um número de janeiro de 1962.
- b) As pessoas que fizerem as assinaturas durante o mês de novembro receberão gratuitamente um número de dezembro de 1961 e um número de janeiro de 1962.
- c) As pessoas que fizerem as assinaturas durante o mês de dezembro receberão gratuitamente um número de janeiro de 1962 e um número de fevereiro de 1962.

«PEKING REVIEW»
O sr. Jurandir Guimarães chama a atenção para o semanário «Peking Review», esclarecendo o seguinte:

Este é um semanário editado em inglês, contendo notícias e pontos de vista da República Popular da China sobre problemas internacionais do país e do mundo, etc. Contém, além disso, artigos e documentos teóricos e oficiais, assim como comentários, cartas, ilustrações, mapas, etc. O preço da assinatura anual é 750 cruzeiros. Aos assinantes de «Peking Review» são oferecidos, como bônus um exemplar do livro de contos «Não Temo as Fantasmagoras», agora editado em inglês.

OUTRAS REVISTAS
Convidamos o sr. Jurandir Guimarães:

- Além de «China Ilustrada» e «Peking Review», oferecemos aos leitores brasileiros as seguintes revistas: «China Ilustrada», em inglês, mensal, custando a assinatura anual 450 cruzeiros; «A China Populair», em francês e japonês, mensal, assinatura anual de 300 cruzeiros; «El Popolo China», em espanhol, bimensal, 240 cruzeiros a assinatura; «Women of China», em inglês, bimensal, assinatura anual 150 cruzeiros; «China Review», em inglês, bimensal, assinatura anual 150 cruzeiros; «China Review», em inglês, bimensal, assinatura anual 150 cruzeiros; «China Review», em inglês, bimensal, assinatura anual 150 cruzeiros.

Os assinantes de todas essas revistas contarão com um desconto de 20% nas assinaturas anuais para 1962 e de 30% para 2 anos ou mais, além de valiosos bônus.

PEDIDOS
Por fim, esclarecemos o sr. Jurandir Guimarães:

- Não existe nenhuma diferença entre as revistas «China Ilustrada» e «China Populair».
- O sr. Jurandir Guimarães, Agência Intercâmbio Cultural, rua dos Estudantes nº 41, sala 20, São Paulo, Os pedidos devem ser acompanhados por cheque ou vale postal.

PERNAMBUCANOS SOUBERAM LUTAR CONTRA O GOLPE

CID SAMPAIO: GOVERNO DO GOLPE E DO SUBÓRNO

Amare Valentim

Com justa razão, os pernambucanos estão decepcionados com a conduta do sr. Cid Sampaio à frente do governo do Estado.

Durante a greve dos estudantes, em junho p. p., o Governo Federal de então interveio indebitamente nos assuntos internos do Estado. O sr. Cid Sampaio não defendeu a autonomia de Pernambuco. Pelo contrário, procurou justificar por todos os meios aquela arbitrariedade.

Agora, ao se iniciarem as articulações golpistas, mais abertamente com a propalada renúncia do sr. Carlos Lacerda, o sr. Cid Sampaio implorou a Lacerda que não renunciasse, isto é, tomou uma atitude que visava fortalecer um dos cabeças do golpe.

Com a renúncia de Jânio, Cid Sampaio passou a colaborar com os golpistas, razão porque a sua polícia, em viaturas do Estado, cometeu uma série de violências, sem que o governador tomasse qualquer medida que viesse cobrir tais arbitrariedades. A polícia assaltou por duas vezes o Sindicato dos Bancários, prendeu vários dirigentes sindicais que ali se encontravam e invadiu a sede da União dos Estudantes de Pernambuco prendendo vários jovens. Assaltou a residência do jornalista David Capistrano e espancou sua filha, uma criança, de 11 anos de idade.

Na Mustardinha várias pessoas foram presas, o sr. Raul Felfosa, funcionário público, foi espancado no comércio local. O sr. Osório Gomes, estavador, preso dentro da Assembleia Legislativa, foi espancado, quebraram-lhe os dentes, quase vazavam-lhe os olhos, pelo simples fato de defender a Constituição.

A polícia portuária, em virtude de uma simples discussão, assassinou em via pública um operário do Sindicato dos Arrumadores. Agricultores foram perseguidos, suas organizações varejadas pela polícia e seus dirigentes presos. Foi no governo do sr. Cid Sampaio que um camponês foi farrado como se estivessemos ainda no tempo da escravidão. Dezenas de cadáveres em Santo Amaro foram destruídos pela Rádio Patrulha do sr. Cid, o "defensor" dos pobres e humildes.

O secretário da Segurança do governo estadual foi pessoalmente censurar nas oficinas o jornal "A Hora" durante a crise. Pessoas que saíam das oficinas gráficas onde é impresso esse jornal eram revistas. Através de nota oficial, o governo proibiu manifestações públicas e ameaçou com repressão policial.

O delegado de polícia de Garanhuns, com o destacamento local, perturbou a realização de um comício em homenagem à posse do sr. João Goulart na Presidência da República. Apesar de todos esses desmandos, praticados pela polícia do Estado, o governador tenta fugir à sua responsabilidade.

Nós, pernambucanos, esperávamos que o governador cumprisse as promessas que fez na sua plataforma de candidato a governador do Estado. Entre outras coisas, prometia respeitar as liberdades democráticas para o povo. Ao tomar posse, jurou cumprir e defender a Constituição.

O que observamos, entretanto, é o silêncio e a conivência do sr. Cid Sampaio em todas essas violências que a polícia pratica contra o povo. Que autoridade moral pode ter um governador que se acomoda frente à intervenção federal no Estado? O mesmo governo que prometeu combater o custo de vida passa a defender o aumento do preço do açúcar e eleva os impostos, criando várias taxas e adicionais não pagos pelo povo já estomado. Quando candidato o sr. Cid combatia o suborno, o empregulismo, mas o seu governo é uma sucessão de escândalos, o paraíso da corrupção.

Que fez o governador Cid Sampaio para moralizar a administração pública nestes anos de sua gestão?

Cada dia que passa, o povo pernambucano vai se convencendo que políticos conservadores e reacionários não são capazes de governar os destinos do Estado, de acordo com os interesses e os desejos das grandes massas populares. No momento oportuno de escolher os seus governantes, o povo saberá dar a devida resposta a homens que traem os seus compromissos como o sr. Cid Sampaio.

RECIPE (do Correspondente) — Algumas horas depois de o Parlamento aceitar a renúncia do sr. Jânio Quadros, iniciaram-se na capital pernambucana as manifestações de protesto contra o golpe. Os estudantes realizaram comícios nas esquadrias da Faculdade de Direito e na praça da Independência e, em seguida, rumaram em passeata até a Assembleia Legislativa. A União dos Estudantes declarou greve geral. Os alunos das escolas superiores ao retornaram às aulas depois de o sr. João Goulart tomar posse.

democrática: o vice-governador do Estado, sr. Felipe da Silva, os professores do Recife, Caruaru, Olinda, Palmares e muitos outros se pronunciaram pela posse do sr. João Goulart e em defesa da Constituição. A Associação de Imprensa, o Sindicato dos Jornalistas, o Clube de Imprensa, a União dos Escritores, seção de Pernambuco e a Ordem dos Advogados local desmarcaram o golpe e defenderam vigorosamente as liberdades democráticas asseguradas na Constituição, violadas, pisoteadas e suspensas em Pernambuco pelo grupo golpista, tendo à frente o governador Cid Sampaio.

CID TRAIU O POVO Com a violência e arbitrariedade imposta pelos fascistas aos jornais, estações de rádio e televisão e demais meios de comunicação, Pernambuco por vários dias ficou praticamente isolado do país. Os jornais não publicavam nem um simples edital de convocação de assembleia sindical. Os jornais e emissoras de rádio se esforçavam a fim de convencer a opinião pública de que nada havia de grave no país, de que a renúncia de Jânio tinha sido um episódio rotineiro e que o país estava em completa calma. Nessas condições, os patriotas pernambucanos buscaram outras formas de propaganda, a fim de esclarecer o povo quanto aos verdadeiros rumos que tomavam os acontecimentos. Centenas de milhares de volantes e manifestos foram

distribuídos durante os dias da crise. As ruas da capital ficaram cobertas de inscrições murais como: "Constituição ou Revolução", "Posse a Jango", "Farejo para Lacerda", "Abaixo os Golpistas e a Ditadura", "Cid Traiu o Povo". Os estudantes realizaram considerável número de comícios-relâmpago nas filas de ônibus e demais concentrações.

A Assembleia Legislativa reuniu-se em sessão permanente e se tornou um ponto de concentração dos patriotas, que das galerias exigiam dos deputados pronunciamentos e atitudes em defesa da Constituição. Realizou-se uma concentração nas esquadrias da Assembleia Legislativa, falando estudantes, operários, o prefeito e o vice-prefeito da Capital. Momentos antes da realização da concentração os policiais do governador Cid Sampaio prenderam um estavador no recinto do Palácio Joaquim Nabuco, em flagrante desrespeito ao Poder Legislativo. Houve protesto da massa que, indignada, apedrejou os "tiras", que de arma em punho, assaltaram o trabalhador e o levaram preso.

Os estudantes realizaram nova concentração no pátio da Faculdade de Direito. Apesar de a Polícia Militar, embaldada de fuzil e metralhadora, ter cercado a Faculdade e as vias de acesso a mesma, o comício foi realizado com êxito. Os oradores denunciaram o sr. Cid Sampaio como um dos golpistas e violador das liberdades democráticas, como que se demonstrava no fato

de a polícia ocupar o jardim da Faculdade com o objetivo de impedir a realização de uma passeata programada de acordo com a Constituição.

NOS MUNICÍPIO

Em muitos outros municípios realizaram-se manifestações de protesto contra o golpe, em defesa da Constituição e pela posse de Jango. Em Olinda, no dia 2, o prefeito Barreto Guimarães proferiu um energico discurso em defesa da Constituição e da posse de Jango, em Caruaru, Palmares, Pesqueira, Goiana e outros locais realizaram-se protestos contra os golpistas. Comissões de professores, industriais e parlamentares foram ao comando do IV Exército, expressando a decisão do povo de ver respeitada a Constituição com a posse de Jango na Presidência da República e fazendo ver ao comando que o IV Exército devia colocar-se contra o golpe.

GREVE NO PORTO

Mas no ponto alto da luta pela Constituição foi a greve política deflagrada na zona portuária, no dia 3, às 8 horas da manhã, sob o comando do sr. João Goulart, depois de o sr. João Goulart haver tomado posse e os dirigentes sindicais serem libertados. Os portuários, em assembleia conjunta com os estavadores, resolveram decretar a greve até que o sr. Goulart tomasse posse e os operários e jornalistas fossem libertados. Com esses objetivos forjou-se a união das duas categorias da orla marítima — estavadores e portuários — que em seguida conseguiram a adesão dos marítimos. A greve afetou os funcionários das Docas, conferentes e arrumadores, num total aproximadamente de sete mil pessoas. Vinte e cinco navios ficaram paralisados.

No decorrer da greve o capitão dos Portos e o governador Cid Sampaio e seus secretários discutiram com os diretores dos Sindicatos dos Portuários e Estavadores, em busca de uma solução que findasse a greve. Mas os trabalhadores não aceitaram nenhuma proposta conciliatória, mantendo a decisão de só voltarem ao trabalho quando o sr. João Goulart tomasse posse e os presos fossem libertados. Apesar de pressionado pelo governo e oficiais da Marinha de Guerra, o sr. Cícero Targino Dantas não cedeu um só milímetro e afir-



O sr. Cícero Targino Dantas, presidente do Sindicato dos Portuários, falando à reportagem.

me firmemente: Podem me fuzilar, mas eu não trairi aqueles que me siegraram para dirigir os destinos da nossa classe. Só ordeno a volta ao trabalho depois que Jango assumir a Presidência da República e os presos forem libertados. Essa firmeza do sr. Cícero Targino Dantas, seguida pelo presidente do Sindicato dos Estavadores, sr. José Osvaldo Gomes, na defesa da Constituição e contra os golpistas, foi saudada com entusiasmo e alegria por todos os patriotas.

COMÍCIO, DIA 18

Pressionados pelas firmas exportadoras de abacaxi, sentindo a firmeza e a unidade inquebrantável dos trabalhadores da Orla Marítima, os comandos militares não tiveram outra saída: mandaram buscar e apressadamente os presos na ilha de Fernando de Noronha que, às 18 horas do dia

COMUNICADO

A AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL — JURANDIR GUIMARÃES, rua dos Estudantes, 84 sala 28 — São Paulo, tem a satisfação de comunicar a todos os seus amigos e clientes que continua recebendo novidades em livros soviéticos, em espanhol, inglês e francês, sobre política, economia, filosofia, medicina, direito, e ciência e técnica, atualidades, linguística, etc., diretamente de Moscou. A todos os que solicitarem fornecemos relação de todos os livros que temos em estoque. Como sempre, atenderemos com presteza os pedidos que nos forem dirigidos pelo nosso serviço de REEMBOLSO POSTAL. As taxas postais sobre livros foram congeladas. Por esse razão a aquisição de livros por este sistema continua muito favorável para todos os leitores. Todos os pedidos de valor superior a Cr\$ 300,00, de taxa postal, pelo Reembolso Postal simples, serão atendidos sem a cobrança. Aos nossos clientes do Nordeste, a Norte do país, que solicitam livros pelo Reembolso Postal AEREO, informamos que as taxas postais deste serviço foram aumentadas exageradamente. Por essa razão, faremos cessar o serviço de REEMBOLSO POSTAL SIMPLES, a não ser para os que expressamente nos autorizem a remessa AEREA. Comunicamos também que continuamos a aceitar pedidos de assinaturas das revistas soviéticas. Estas revistas são enviadas diretamente de Moscou, por via aérea, aos assinantes no Brasil. É um serviço que já conta com centenas de assinantes, na sua imensa maioria inteiramente satisfeitos com a exportadora soviética "Mizhvedizdatnaya knigka", que representa.

AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL
Jurandir Guimarães



Porto parou até a posse de Jango.

A BANDEIRA DA CHANTAGEM

General Junot

O venenoso vesperertino «A BOLA» (que assim se chama, embora use a máscara de um sinônimo, porque come bola, solta bola, dá bola e é uma bola!) está querendo ganhar a paz, depois de haver perdido a guerra. Para isso, esse jornal que sempre defendeu interesses que não são os do Brasil, vem publicando ardidos editoriais, pela manutenção do regime parlamentarista no nosso país.

No de hoje (9-set.), sob o título «A Bandeira da Paz» diz, entre outras coisas, que «falar em plebiscito neste momento é falta de patriotismo», e mais: «Foi a emenda parlamentarista uma solução de acordo em que todos cedem bastante para que não se alterasse a ordem legal para que fosse afastada a terrível ameaça da guerra civil e pudesse ser empousado na Suprema Magistratura, aquele que a ela tinha direito (os grifos são nossos).»

É interessante que um jornal como «A Bola» fale em patriotismo, pois sempre pugnou por interesses de fora... (só se trata de um patriotismo às avessas!).

Quanto à posse do presidente João Goulart devemos dizer que ela se daria de qualquer maneira, isto é, com ou sem parlamentarismo. E, vamos provar a nossa afirmativa, mostrando que, ao lado da lei, isto é, da Constituição, estavam:

- a) o povo brasileiro em sua quase totalidade, principalmente as massas trabalhadoras;
 - b) a maioria absoluta do Congresso;
 - c) a maioria dos juristas;
 - d) a maioria das Forças Armadas, em especial o Exército. Senão vejamos: o Exército Brasileiro é constituído de 7 Divisões de Infantaria, 4 Divisões de Cavalaria, 1 Divisão Blindada, além de outras tropas não divisórias.
- Em defesa da Constituição se manifestaram, imediatamente:
- 1) o III EXERCÍTO (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina) formado por 3 Divisões de Infantaria (as 3a, 5a, e 6a D. I.), 3 Divisões de Cavalaria (as 1a, 2a, e 3a D. C.), várias unidades não divisórias e toda a Brigada Militar do Rio Grande do Sul, além da Polícia Militar de Santa Catarina;
 - 2) todo o povo gaúcho, em pé de guerra (o Rio Grande possui, no III Exército, armamento e munição para mais de trezentos mil homens);
 - 3) a 9a Região Militar (1 D. C., redução, e 1 Brigada Mista);
 - 4) inúmeras unidades dos I, II e IV Exércitos, tanto assim que várias delas se recusaram a seguir para o sul (nós mesmo estivemos, inicialmente, preso em um B.C.C., cuja oficialidade, exceção do Cmt., era toda legalista). A maioria absoluta dos generais, em comissão no E. da Guanabara, dos oficiais em geral e a totalidade dos sargentos.
- Dessa forma, 80% (oitenta por cento) das forças de terra estavam obedientes à lei.
- Com que contavam, pois, os golpistas? A nosso ver, apenas com o general Cordeiro — o verdadeiro chefe da baderna — os 3 ministros militares e a garganta (os golpistas estavam fazendo o papel do sapo-boi!).
- A vitória, portanto, teria de ser — como de fato o foi — da lei e da ordem!
- Estamos com tudo. Ganhamos a guerra e não devemos perder a paz, acreditando em chantagens de «A Bola», «Tribuna da Imprensa», etc. etc.
- Perguntas** — Por que será que «A Bola» (ou será globo?), durante a crise político-militar, noticiou incêndios de igrejas e conventos no sul, com estupros de freiras etc.? Qual teria sido sua fonte de informação? A que credo político dizem, os defensores da democracia cristã-ocidental, pertencer os que usam tais processos?
- Responda-nos «A Bola».

Povo Paulista Protestou Nas Ruas Contra o Golpe

São Paulo viveu intensamente as grandes jornadas do povo brasileiro, que se ergueu, com impressionante unidade, contra as manobras golpistas. Desde os primeiros momentos da crise, um clima de terror, jamais presenciado no Estado, foi implantado pelo governador Carvalho Pinto, que se enclausurou no Palácio dos Campos Elísios, isolando-se do povo e negando-se a adotar posição definida contra o golpe em marcha, ao mesmo tempo em que "em defesa da ordem" instaurou o Estado policial. Depois — de maneira dúbia — quando sentiu que não havia futuro para os que procuravam liquidar a Constituição e implantar a ditadura, declarou-se "a favor da legalidade". Mas a ditadura já existia de fato, desde a renúncia de Jânio Quadros.

A censura legal ao rádio e à TV, o clima de insegurança vivido pela imprensa, as prisões em massa de dirigentes sindicais, estudantes e camponeses, a invasão de sindicatos e outras entidades, não intimidaram, entretanto, a população da capital e do interior, que manifestou, através de centenas de organizações, das mais variadas formas — desde as greves e as passeatas, até aos manifestos de repúdio aos golpistas e pela posse do presidente João Goulart, sua firme determinação de defender a Constituição.

Ao mesmo tempo, expressando de maneira conveniente o sentimento popular, soldados e oficiais do II Exército, contrariando a posição golpista assumida pelo alto comando, demonstraram a este que não estavam dispostos a lutar contra seus irmãos, fardados ou não, por uma causa ingloria. Barueri, São Vicente, Itu, foram exemplos desse tipo. Setores importantes da Força Pública, principalmente os oficiais reformados, ombreados com o povo, denunciaram a

conspiração. Oficiais do CPOR ficaram detidos por se negarem a pactuar com o golpe. Não foram, portanto, apenas operários, estudantes e camponeses que encheram as prisões do Estado. As cadeias dos quartéis também se transformaram em símbolo da resistência que se espralou do Rio Grande do Sul a todas as partes do país.

BAIXADA SANTISTA

Nos municípios da Baixada Santista também se realizaram várias manifestações contra o golpe. Assim que se confirmaram as notícias de que os ministros militares "vetavam" a posse de Jango, foram decretadas greves no porto de Santos, na Faculdade de Direito, na cidade e nas indústrias petrolíferas e de petróleo de Cubatão.

O prefeito da cidade, sr. José Gomes, colocou-se a favor da Constituição e participou de várias reuniões políticas que trataram das formas de luta a serem usadas para enfrentar o golpe. A Câmara Municipal, que a princípio mostrava-se desinteressada pelo problema, após uma reunião com uma comissão de dirigentes sindicais — em que foi esclarecida da verdadeira situação — resolveu manter-se em sessão permanente de vigília democrática.

O movimento grevista foi reprimido com inaudita violência pela polícia sob os ordens do sr. Carvalho Pinto (que fazia declarações de fidelidade à Constituição), tendo mesmo, no caso de Cubatão, invadido o Sindicato dos Químicos e prendido os seus diretores, sob forte fuzilaria. Fato inédito na greve dos químicos foi que, presos os principais dirigentes do Sindicato, esta prosseguiu sob a direção de uma funcionária do Sindicato, numa demonstração do patriotismo e da disposição de luta das mulheres do Brasil.

Em Santos também foram presos vários dirigentes sindicais mas o movimento foi vitorioso, conquistando, inclusive, a soltura dos líderes presos e saída mais, levando a direção do Foro Sindical de Debates, uma Junta Governativa composta de verdadeiros dirigentes sindicais, em substituição à diretoria que desertou da luta.

Para coroar os exemplos de luta do povo da Baixada, o II Batalhão de Caçadores, sediado em S. Vicente, ao receber ordens dos ministros golpistas, de marchar em direção ao sul, contra o III Exército, resolveu, pela unanimidade da tropa — oficiais e soldados — negar-se a cumprir a ordem, ficando a favor da posse de Jango.

Uma comissão de dirigentes sindicais esteve no quartel, e ali confraternizou com a oficialidade e todos os soldados.

Interditaram com metralhadoras, a Universidade Mackenzie, única Faculdade que tinha suas portas abertas, pois uma determinação oficial do governo fechara todas as casas de ensino.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

A Assembleia Legislativa de São Paulo, sob a presidência do sr. Roberto de Abreu Sodré, teve destacada atuação contra o golpe. Exceção de somente dois parlamentares (srs. Antônio Mastrocola, da UDN, e Roberto Mayer Filho, do PBP), todos os deputados manifestaram-se pelo absoluto respeito ao artigo 79 da Carta Magna, exigindo a posse do sr. João Goulart. Houve completa unidade de todas as bancadas nesse sentido. Na sessão realizada logo após os primeiros indícios da crise, antes que a Assembleia se declarasse em reunião permanente, usaram da palavra quarenta oradores, de todas as bancadas e tendências políticas, não havendo porém divergência quanto à defesa da legalidade democrática e pela posse de Jango.

LEPERA CONCLAMA

Dentre os discursos dos quarenta parlamentares, sobressaiu o do deputado Luciano Lepera, vice-líder da bancada do PTB, que, além de defender a posse do sr. João Goulart, denunciou as violências da polícia do sr. Carvalho Pinto, com a prisão de líderes operários e estudantes, afirmando que os deputados todos deviam sair às ruas para, juntamente com esses líderes, conclamar a classe operária a cruzar os braços e realizar uma greve geral em São Paulo, pois, conforme acrescentou o orador, "os ministros militares golpistas não suportarão dois dias de greve na capital".

«VIGILIA DEMOCRÁTICA»

Os parlamentares não saíram às ruas e não ajudaram a classe operária a fazer a greve geral, de acordo com o que pretendia o deputado Luciano Lepera, mas, por decisão da presidência, com o apoio da maioria, permaneceram em sessão permanente, numa "vigília democrática", que se prolongou desde o dia 27 de agosto até 10 do corrente. Durante toda a crise, até a posse do sr. João Goulart, os parlamentares paulistas não arredaram o pé do Palácio 9 de Julho, revesando-se dia e noite, seguindo os acontecimentos, atendendo a comissões de estudantes, operários, etc.

POSIÇÃO DE SODRÉ

Elogiada por todos foi a atuação do deputado Roberto de Abreu Sodré, que, não obstante se adversário político do sr. João Goulart, manteve-se firme na defesa da Constituição e tomou providências no sentido da libertação de quantos eram presos pelo DOPS. O presidente da Assembleia Legislativa atendia aos pedidos dos deputados que se interessavam pela soltura dos detidos, bem como atendia às comissões que batiam às portas do Palácio 9 de Julho com idéntico objetivo, tomando medidas, ora pessoalmente, ora nomeando comissões parlamentares para que se entendessem com as autoridades policiais.

DETONAÇÃO DE DEPUTADOS

No dia 30 de agosto, pela manhã, houve grande assembleia universitária no Colégio Mackenzie. Estavam os estudantes, com o apoio de todos os seus colegas, dispostos à realização de uma passeata que se dirigiria ao Palácio de Campos Elísios, a fim de solicitar do governador Carvalho Pinto que assumisse uma posição concreta diante dos fatos. O policiamento diante daquela escola atingiu ao máximo, com tropas de choque da Força Pública, com dois veículos "Brecuto", além de elementos da Guarda Civil

A EPOPÉIA GAÚCHA

PORTO ALEGRE, setembro (Correspondência especial para NR) — A reação foi imediata. Impressionante mesmo pelos rumos que tomou a medida que a situação se esclarecia e se desenhava nitidamente no panorama nacional a tentativa de golpe contra as instituições do país. A renúncia de Jânio Quadros, conhecida ao entardecer na capital gaúcha, explodindo como uma bomba na cidade que vivia a rotina do quotidiano, despertou na população um sentimento inapagável de defesa das liberdades e marcou o início de uma batalha memorável que mobilizou durante 12 dias uma coletividade inteira, batalha empolgante que teve a comandância de um governador que soube se identificar desde o primeiro momento com os sentimentos e a disposição de luta do povo dos trabalhadores e estudantes, dos oficiais e soldados do bravo III Exército, dos lavradores e trabalhadores agrícolas. Estalava que assumiu durante o seu transcurso as mais diversas formas, revelando de maneira até certo ponto surpreendente a eficiência da organização e mobilização de milhares de líderes sindicais, acadêmicos e populares. Foi uma vitória que começou em Porto Alegre e se espalhou rapidamente por todo o Estado. Horas depois de conhecida a renúncia do presidente Jânio Quadros a opinião pública já estava mobilizada para o que desse e viesse e se iniciava a grande preparação para a luta legalista.

O Povo Toma Posição

As notícias divulgadas pelo rádio, depois das 15 horas, provocaram os primeiros sintomas de que estava para acontecer. Pequenas multidões se reuniam nos principais logradouros públicos de Porto Alegre procurando entender o fato. Jânio renunciara, era o que se sabia no primeiro instante. Logo depois estavam nas ruas os jornais com edições extras. Narrravam em detalhes o episódio, divulgavam a declaração do ex-presidente para Cumbeba (os boatos diziam estar ele lá prisioneiro), a decisão de empossar o sr. Ranieli Mazzilli... enquanto Jânio não vinha. Verificaram-se, inicialmente, algumas manifestações isoladas exigindo a volta do renunciante. Isto aconteceu depois da renúncia. Lacerção, o calamitoso governador de Guanabara e traidor muitas vezes, era responsabilizado pelo gesto do sr. Jânio Quadros. Comícios eram improvisados nas praças públicas por populares mais exaltados que denunciavam a natureza golpista da renúncia do presidente e acusavam os militares e círculos mais reacionários que se opunham à sua política externa como autores da manobra.

As 17,30 do dia 25 de agosto reuniram-se, simultaneamente, o Conselho Sindical e os representantes das entidades estudantis (FEURGS, UEE e UGES). Os trabalhadores e estudantes começavam a organizar a campanha de esclarecimento popular e tomavam posição diante dos acontecimentos. As notícias divulgadas pelas entidades revelavam a compreensão total do momento político e constituíam uma segura orientação para o povo: "Devemos estar alerta — dizem os líderes sindicais. A legalidade democrática está ameaçada. A renúncia do presidente Quadros é um fato consumado. Agora é preciso lutar para garantir a posse do presidente constitucional João Goulart". Os estudantes, ao mesmo tempo que denunciavam a renúncia, conclamavam os gaúchos a se unirem em torno da bandeira da legalidade e conclamavam a resistência contra qualquer tentativa golpista de substituir-se no país uma ditadura militar.

A posição dos trabalhadores e estudantes estava assim definida e se concretizaria mais tarde, na noite do dia 25, quando do grande

comício realizado no Largo da Prefeitura, com a proclamação da greve geral operário-estudantil para garantir a posse do presidente João Goulart. Vinde e quatro horas antes de se consumar a tentativa de golpe dos ministros militares, caracterizada pela declaração do marechal Denys de que "as Forças Armadas impediriam a posse de Jânio", os gaúchos começavam a se preparar para a batalha que anteviam.

Faltava ainda o pronunciamento do governador Brizola. Para aquela noite estava anunciada uma palestra do chefe do Executivo, na sede do PTB gaúcho, comemorativa do aniversário da morte do presidente Vargas. A palestra não se realizou, mas através das emissoras de rádio Brizola falou ao povo: "Estou com a legalidade. Lutarei com todas as minhas forças para que a Constituição seja cumprida. O Rio Grande do Sul não pactuará com golpes contra a legalidade". A mensagem do governador, que horas antes recebera o apoio mágico dos deputados estaduais de todos os partidos, definiu bem o sentimento que dominava todos os gaúchos, de todas as cidades.

O dia 25 de agosto terminava com o povo nas ruas. Com o dia 26 começava a vigília que só terminou quando a crise foi superada e os golpistas afastados dos postos que ocupavam.

O Primeiro Dia de Guerra

Durante o dia as notícias eram desencontradas. Jânio estava a caminho do Brasil para tomar posse. Anunciava-se que o Congresso já marcara a data. Rumores também circulavam: os mi-



Os golpistas derrotados, os soldados voltam aos quartéis. Terminara a grande batalha democrática que irmanara a todos. Agora, apenas a vigilância firme contra

ministros militares são contra a posse, já estão se preparando para fechar a Câmara e o Senado e instituir uma junta governativa. Pelo sim e pelo não, o povo continuava nas ruas, se aglomerava principalmente nas proximidades do Palácio Piratini onde o governador se encontrava desde o momento da renúncia do presidente Quadros. Manifestações e comícios eram improvisados. Grupos de líderes sindicais e estudantes percorriam os principais centros da capital dirigindo a palavra ao povo, orientando e proclamando a necessidade da unidade para a vitória. As escolas ficaram as moscas, estudantes e professores obedeceram unanimemente a ordem de greve geral dada na noite anterior. Nas fábricas reinava o silêncio, os ferroviários se apresentavam para a paralisação geral. Em Santa Maria, a "cidade ferroviária", já na noite do dia 25, em grande assembleia da qual participaram ferroviários e milhares de pessoas, se decidiu a paralisação geral das atividades. Nos bairros de Porto Alegre, o povo discutia e procurava se orga-

nizar para a batalha legalista. Nas outras cidades, em São Leopoldo, Novo Hamburgo, Caxias, Pelotas, Rio Grande as demonstrações do povo se sucediam, os estudantes abandonavam as salas de aula e os trabalhadores, reunidos em assembleias permanentes de suas entidades, decretavam a eclosão da greve geral decretada no dia 25 pelo Conselho Sindical.

O dia de sábado correu assim. A noite, as confusões e dúvidas que persistiram durante toda a jornada desapareceram. Uma conversa telefônica do governador Brizola com o deputado Rui Lemos trouxe a verdade ao povo: os ministros militares haviam declarado ao parlamentar gaúcho que não permitiriam a posse do sr. João Goulart, e mais que o prenderiam quando chegasse ao território nacional.

Erão 20 horas quando o governador, falando através das principais emissoras do Estado, comunicou ao seu povo que o golpe contra a Constituição fora consumado. "Só nos resta resistir. Lutar para impedir que a democracia e as liberdades sejam banidas desta terra. A posse do presidente João Goulart é um imperativo e lutaremos por ela até o fim".

Brigada é Legalista

A partir daquele momento o Palácio Piratini se transformava no Quartel-General da Legalidade. O apelo dramático do governador à resistência foi entusiasmamente acolhido pelo povo. Milhares de pessoas após ouvirem a palavra de Brizola, acorreram ao Palácio Piratini que já se encontrava sob a proteção do batalhão Bento Gonçalves, da Brigada Militar do Rio

Grande do Sul conclamam o povo a se unir e se organizar. Cada bairro, fábrica, escola e repartição deve ser um Comitê de Resistência Democrática".

Começava o dia 27, quando o povo aclamou o pronunciamento do marechal Teixeira Lott: era o primeiro pronunciamento das Forças Armadas em favor da legalidade.

Um Movimento Irresistível

Os líderes sindicais, que se haviam abastado durante a noite do sábado com o governador Brizola, reuniram-se pela madrugada dentro. Amanheceu o domingo em Porto Alegre quando um ato de dirigiram aos seus postos de luta. Havia decidido construir o Comando Sindical Unificado para dirigir a luta dos trabalhadores contra o golpe. A ordem de greve geral fora mantida, assim como a determinação de se organizarem milhares de comitês de resistência democrática em cada local de trabalho, em todo o Estado. Jorge Canzavatto, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica, dirigiu-se à Usina do Gasômetro para a determinação de paralisar totalmente o serviço de energia elétrica da capital e localidades próximas desde que fosse necessário. Marítimos e portuários, ferroviários e estivadores se mantinham de prontidão. Tudo estava preparado.

O domingo foi de atividade febril, e também de expectativa. O povo se organizava em diferentes locais. Surgiu naquele mesmo dia o Comitê Central da Resistência Democrática, organismo que dirigiu e orientou durante todo o período de crise a organização e a atividade dos comitês. Dêle faziam parte líderes políti-

cos, sindicais e acadêmicos, militares e intelectuais, professores, engenheiros, médicos. Em todos os setores de atividade, o povo se apresentava para a luta.

Espontaneamente, pode-se dizer, surgiu o movimento de voluntários. Pessoas se apresentavam e diziam: "Quero me alistar. Demme uma arma. Estou pronto a dar a vida pela legalidade". O movimento ganhou corpo e logo se organizou. Primeiro em Porto Alegre, depois nas outras cidades. Operários e estudantes, mais uma vez, estiveram a frente da iniciativa. Já no domingo a organização dos grupos de voluntários se transformava numa das atividades fundamentais dos comitês de resistência.

Horas Decisivas

O golpe denunciado, uma intervenção dominava a todos naquele dia 27. E o III Exército? Não se conhecia ainda a decisão do general Machado Lopes e dos seus subordinados. Esperava-se o melhor, mas ao mesmo tempo todos se preparavam para o pior. Nas ruas de Porto Alegre, por todo o do-

mingo, foram erguidas barricadas. O povo se concentrava diante do Palácio Piratini, preparando a resistência contra qualquer ataque. A greve geral se seguiria a resistência a qualquer ação militar contra o Rio Grande do Sul.

Às 22 horas do dia 28, a segunda-feira que marcou a completa unidade de pensamento e ação de todos os gaúchos, encontrou o povo firme em seus postos de luta. A cidade soube, porque a notícia correu como um raio, que o general Machado Lopes se dirigia ao Palácio Piratini. A vigilância redobrou. Por volta das 10 horas, um contingente da Polícia do Exército, tendo à frente um jipe, aproximou-se do Palácio. O povo imediatamente atravancou a rua com o que tinha às mãos. Postou-se para a defesa. O jipe se aproximou. O oficial que nele viajava, sentindo a ameaça que pairava no ar, se dirigiu aos populares. "Não façam nada. Deixem-nos passar. Nós estamos com vocês. Estamos com a legalidade". Foi o primeiro encontro do povo com os soldados do III Exército. Naquele momento se compreendeu que eles estavam pela posse de Jânio; aliam-se ao povo na luta legalista.

Exército e Povo na Mesma Trincheira

As demonstrações de fôlbilo foram emocionantes. O povo e os soldados confraternizaram.

Logo depois, chegava ao Palácio o general Machado Lopes acompanhado de numerosos oficiais do III Exército. Firmava-se, assim, o pacto legalista entre o comando civil e o comando militar. Brizola e Machado Lopes foram aclamados pelo povo que se concentrava diante do Piratini e logo depois, seguiram para o Q.G. da grande unidade.

O Povo na Batalha

Os dias subsequentes registraram um esforço de mobilização popular jamais visto no Brasil. Todos se concentraram na grande batalha de organização do povo. O Comitê Central da Resistência Democrática desempenhou um papel fundamental durante os dias da crise, o mesmo ocorrendo com o Comando Sindical Unificado.

A organização e a constituição de resistência democrática em todos os locais e setores, foi marcada pela palavra de ordem legalista que uniu todo o povo gaúcho. Nos bairros, trabalhadores e industriais, comerciantes e donas-de-casa, jovens e velhos se reuniam e tomavam as medidas indispensáveis à organização e funcionamento dos comitês. Estes orientavam a instalação de postos de alistamento de voluntários, recolhiam doativos, organizavam serviços de enfermagem, mobilizavam médicos e enfermeiras, entravam em contato com as autoridades civis e militares e, inclusive, procuravam controlar a distribuição de abastecimento à população.

Nas escolas, os comitês, principalmente universitários, organizavam-se e rea-



A vitória foi inscrita nas ruas. Estudantes e trabalhadores gaúchos, depois de dez dias de ação em defesa da Constituição, desenharam no asfalto, com boletins que também foram uma arma, a palavra que uniu a todos: LEGALIDADE.

lizavam tarefas de acordo com a especialidade do setor. Assim, o comitê de resistência dos acadêmicos de medicina se concentrou na organização de unidades médicas prontas para atuar em qualquer emergência; os estudantes de engenharia organizaram comitês diversos, dos quais participaram inclusive, professores e profissionais, capazes de dar assistência às autoridades civis e militares. As estudantes das escolas de enfermagem, além de colaborar intensamente na organização de unidades de saúde, participaram ativamente da campanha de doação lançada pelo Banco de Sangue de Porto Alegre e se ligaram à seção gaúcha da Cruz Vermelha que, durante todo o período da crise, se manteve alerta e a postos.

Nas fábricas, os trabalhadores de vigilância e de participação ativamente dos grupos de resistência organizados para defender o Palácio Piratini, mobilizaram todos os seus esforços no sentido de constituir unidades capazes de entrar em ação, de acordo com os comandos militares, no momento que fosse necessário. Constituíram-se assim, em Porto Alegre e diversas outras cidades do Rio Grande do Sul, os batalhões operários, reservas das tropas regulares.

Em Todo o Estado

A criação dos Comitês de Resistência e a abertura do voluntariado constituíram duas grandes experiências unitárias da luta dos trabalhadores e do povo gaúcho em defesa da legalidade. O movimento foi irresistível desde o primeiro momento, e não só em Porto Alegre. Em Caxias do Sul, por exemplo, um Comitê Central de Resistência foi organizado imediatamente após a proclamação dos comandantes da batalha legalista. O prefeito municipal criou a sede do Executivo para a instalação do mesmo e, juntamente com os vereadores, participou da sua organização. O comitê de Caxias dirigiu e orientou a luta do povo da cidade, promoveu a constituição de dezenas de outros comitês no município e fez um apelo à organização de voluntários. Em Rio Grande e Pelotas, assim como em Novo Hamburgo e outras cidades registraram-se fenômenos idênticos. Comitês surgiram às centenas aos milhares em todo o Rio Grande do Sul, aglutinando desde trabalhadores e estudantes até industriais, comerciantes e lavradores.

Os Intelectuais na Luta

Os intelectuais estão convocados para uma reunião, hoje, às 15 horas, no Teatro de Equipe" — a convocação feita na segunda-feira, dia 28, foi atendida por dezenas de escritores, artistas plásticos, atores e autores, radialistas e profissionais da televisão. Da reunião surgiu imediatamente um Comitê de Resistência Democrática, dirigido entre outros, pelo escritor Dionísio Machado, pelo gramático Vasco Prado, por Milton Mattos (teatro), Adonário Guerra e Darcy Fagundes (rádio), Jorely Maroules (televisão), Mirel Pereira (arquitecto) e Demostenes Gonzalez (compositor).

Em sua atividade, os intelectuais organizaram 15 ou-

tros comitês de resistência, participaram ativamente e comandaram as transmissões da Rede Nacional da Legalidade (a cadeia radiofônica que hoje tem um lugar na história das lutas do povo brasileiro), dirigiram toda a propaganda gráfica da campanha legalista, executada pelos artistas plásticos da Sociedade Francisco Lisboa e pelos alunos da Escola de Belas Artes, e colaboraram ativamente, viajando para o Interior, na propaganda da campanha. Mais de 500 intelectuais e artistas estiveram nas primeiras linhas da batalha popular durante toda a crise.

Os Voluntários e os Batalhões

Seu nome? Enderço? E motorista? Conhece enfermagem? Tem condução própria? — as perguntas eram feitas em cada posto dos milhares existentes em todo o território do Rio Grande. O voluntariado foi uma das grandes experiências da batalha legalista do povo gaúcho. Revelou o sentimento democrático e o amadurecimento político de um povo. A ocorrência aos postos foi impressionante. Milhares, diariamente, se alistavam em Porto Alegre e outras cidades, dispostos a "azer qualquer sacrifício para defender a liberdade e a democracia no Brasil. Na cidade de Santa Maria, onde a resistência democrática foi comandada pelos bravos ferroviários, em menos de 24 horas mais de 10.000 pessoas se alistaram. O mesmo ocorreu em São Leopoldo, onde 6.000 voluntários se organizaram e se prepararam para a luta em Caxias e Novo Hamburgo.

Em Porto Alegre, além das dezenas de milhares de voluntários que se inscreveram nos postos espalhados pela cidade, registrou-se a formação de batalhões operários, formados por trabalhadores de diversas categorias que se organizaram em seus setores. A formação desses batalhões decorreu de uma decisão do Comando Sindical Unificado que, no mais apuro da crise, quando

os golpistas se preparavam para atacar o Rio Grande do Sul, dirigiu um dramático apelo aos trabalhadores para que se preparassem para a luta. Em todo o Estado, o número de voluntários subiu a 290 mil, dos quais 90 mil em Porto Alegre.

Os batalhões operários foram organizados com uma rapidez impressionante, e se apresentavam em seguida ao comando do III Exército ou ao Comando da Brigada Militar. Um dos momentos mais emocionantes vividos pela população de Porto Alegre durante a crise foi justamente o desfile dos batalhões operários. Os ferroviários (1.200), tranviários (600) percorreram as ruas da capital gaúcha sob os aplausos entusiasmados do povo. Os tranviários, os primeiros a se organizar em batalhão, desfilaram inclusive com uma banda de música formada de trabalhadores da categoria. Batalhões também foram organizados por diversos comitês de resistência e por membros de entidades e associações tradicionais da vida gaúcha.

Firmes Até o Fim

A impressionante mobilização popular que marcou a vida gaúcha nos dias dramáticos da crise provocada pelos militares golpistas, só terminou com a posse de Jânio e a constituição do novo governo. Terminou depois que a vitória foi conquistada, vitória dos gaúchos e de todo o povo brasileiro. Mas, a experiência dos dias de luta demonstrou o amadurecimento político e a consciência do povo que, desde os primeiros momentos, se levantou unanimemente em defesa das liberdades e da Constituição. A luta, como o disse o governador Brizola, era muito mais que uma simples defesa da posse do presidente João Goulart, era a defesa da liberdade e do direito do Brasil progredir como nação independente e livre da opressão externa.

OS HERÓIS DE GRAVATAI

A ordem viera — como se confirmou depois — diretamente do Ministério da Guerra, do marechal Denys. Os aviadores da Base Aérea de Gravataí deviam bombardear o Palácio Piratini. A oficialidade da base se preparou para a missão. Em sua quase totalidade golpista, não teve dúvidas em cumprir a ordem.

Os sargentos e praças foram chamados então a preparar os aparelhos. No início, não sabiam bem para que. Apenas desconfiavam. Depois, entretanto, informados por um dos oficiais, se aperceberam da tragédia que estava para ser desencadeada. Reuniram-se e decidiram então impedir que se consumasse o crime. Primeiro, tiraram as espoletas das bombas e se recusaram a preparar os aviões. Os oficiais insistiram, houve dis-

cusão e os aviões não partiram. Esses fatos ocorreram durante a tarde do domingo, dia 27 de agosto. A noite, entretanto, quando tudo era silêncio na base, os oficiais golpistas resolveram realizar a missão de qualquer maneira. Abandonaram os seus alojamentos e se dirigiram para os aviões que se encontravam na pista. Prepararam-nos e quando se preparavam para partir foram cercados pelos sargentos e praças que, empunhando metralhadoras e fuzis, impediram que levantassem vôo. Os oficiais ainda tentaram resistir, mas terminaram se entregando. Foram presos e desarmados pelos sargentos e praças que ocuparam a base e impediram assim o crime ordenado pelo irresponsável que ocupava o Ministério da Guerra.

NOVOS RUMOS

Comovente e entusiasmadora lição deram os trabalhadores gaúchos. Quando a crise se aguçava, responderam ao apelo dos seus líderes e organizaram os batalhões operários. Os tranviários de Porto Alegre foram os primeiros, e quando desfilaram o fizeram até com uma banda de música.